
Bertolt Brecht

Teatro Completo

6

Os fuzis da Senhora Carrar

Vida de Galileu

Mãe Coragem e seus filhos



PAZ E TERRA

3ª Edição

Gesammelte Werke, © Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main.

Títulos dos originais em alemão:

Die Gewehre der Frau Carrar, © 1957 Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main.

Leben des Galilei, © 1955, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main.

Mutter Courage and ihre Kinder, © 1949, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main.

Coordenação Geral: Christine Roehrig - Fernando Peixoto

Capa: Isabel Carballo

Copydesk: Bliana Antonioli

Revisão: Vania Lucia Amato

Victor Enrique Pizarro

Editoração Eletrônica: Graphium Publicidade e Editora Ltda.

Dados de catalogação na Publicação Internacional (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brecht, Bertolt, 1898-1956.

Teatro completo, em 12 volumes / Bertolt Brecht. — Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1991. —
(Coleção teatro ; v. 9 - 14)

Tradução de: Bertolt Brecht: Gesammelte Werke in 20 Bänden.

Publicados v. 1-6

1. Teatro alemão I. Título. II Série.

90-1020

CDD - 832.91

índices para catálogo sistemático:

1. Século 20: Teatro : Literatura alemã 832.91
2. Teatro: Século 20: Literatura alemã 832.91

Direitos adquiridos pela

EDITORA PAZ E TERRA S/A

Rua do Triunfo, 177

01212 - São Paulo, SP

Tel.: (011) 223-6522

que se reserva a propriedade desta tradução

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

1999

índice

Os fuzis da Senhora Carrar	11
Vida de Galileu.....	51
Mãe Coragem e seus filhos	171

Vida de Galileu

Leben des Galilei
Escrita em 1938-1939

Tradução: Roberto Schwarz

PERSONAGENS

GALILEU GALILEI

ANDREA SARTI

DONA SARTI, GOVERNANTA DE GALILEU E MÃE DE ANDREA

LUDOVICO MARSHJ, MOÇO DE FAMÍLIA RICA

PROCURADOR DA UNIVERSIDADE DE PÁDUA, SENHOR PRIULI

SAGREDO, AMIGO DE GALILEU

VIRGÍNIA, FILHA DE GALILEU

FEDERZONI, OPERÁRIO POLIDOR DE LENTES, COLABORADOR DE GALILEU

O DOGE

CONSELHEIROS

COSMO DE MÉDICI, GRÃO-DUQUE DE FLORENÇA

O MESTRE-SALA

O TEÓLOGO

O FILÓSOFO

O MATEMÁTICO

A DAMA DE COMPANHIA MAIS VELHA

A DAMA DE COMPANHIA MAIS NOVA

LACAIO DO GRÃO-DUQUE

DUAS FREIRAS

DOIS SOLDADOS

A VELHA

UM PRELADO GORDO

DOIS ESTUDIOSOS

DOIS MONGES

DOIS ASTRÔNOMOS

Um MONGE, MUITO ESTÚPIDO

O CARDEAL MUITO VELHO

PADRE CRISTÓVÃO CLÁVIO, ASTRÔNOMO

O PEQUENO MONGE

O CARDEAL INQUISIDOR

CARDEAL BARBERINI, MAIS TARDE PAPA URBANO VIII

CARDEAL BELLARMINO

DOIS SECRETÁRIOS ECLESIASTICOS

DUAS JOVENS SENHORAS

FILIPPO MUCIO, UM ESTUDIOSO

SENHOR GAFFONE, REITOR DA UNIVERSIDADE DE PISA

O JOGRAL

A MULHER DO JOGRAL

VANNI, UM FUNDIDOR

Um FUNCIONÁRIO

Um ALTO FUNCIONÁRIO

Um INDIVÍDUO

Um MONGE

Um CAMPONÊS

Um GUARDA-FRONTEIRA

Um ESCRIVÃO

HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS

1

GALILEU GALILEI, PROFESSOR DE MATEMÁTICA EM PÁDUA, QUER DEMONSTRAR O NOVO SISTEMA COPERNICANO DO UNIVERSO

O fogo no rabo da idéia pegou
No ano de mil seiscentos e nove:
O cientista Galileu por $a + b$ calculou
Que o Sol não se mexe. Que a Terra se move.

Quarto de estudo de Galileu, em Pádua; o aspecto é pobre. É de manhã. O menino Andrea, filho da governanta, traz um copo de leite e um pão.

GALILEU *lavando o tórax, fungando alegre* — Ponha o leite na mesa, mas não feche os livros.

ANDREA — Seu Galileu, minha mãe disse que se nós não pagarmos o leiteiro ele vai dar um círculo em volta de nossa casa e não vai mais deixar o leite.

GALILEU — Está errado, Andrea; ele “descreve um círculo”.

ANDREA — Como o senhor quiser, seu Galileu. Se nós não pagarmos, ele descreve um círculo.

GALILEU — Já o oficial de justiça, o seu Cambione, vem reto pra cima de nós, escolhendo qual percurso entre dois pontos?

ANDREA *rindo* — O mais curto.

GALILEU — Certo. Veja o que eu trouxe para você, ali atrás dos mapas astronômicos.

Andrea pesca atrás dos mapas, de onde tira um grande modelo do sistema ptolomaico, feito de madeira.

ANDREA — O que é isso?

GALILEU - É um astrolábio; mostra como as estrelas se movem à volta da Terra, segundo a opinião dos antigos.

ANDREA — E como é?

GALILEU - Vamos investigar, e começar pelo começo: a descrição.

ANDREA — No meio tem uma pedra pequena.

GALILEU — É a Terra.

ANDREA - Por fora tem cascas, uma por cima da outra.

GALILEU - Quantas?

ANDREA — Oito.

GALILEU — São as esferas de cristal.

ANDREA — Tem bolinhas pregadas nas cascas.

GALILEU - As estrelas.

ANDREA - Tem bandeirinhas, com palavras pintadas.

GALILEU - Que palavras?

ANDREA - Nomes de estrelas.

GALILEU - Quais?

ANDREA - A bola embaixo é a Lua, é o que está escrito. Mais em cima é o Sol.

GALILEU - E agora faça mover o Sol.

ANDREA *move as esferas* — É bonito. Mas nós estamos fechados lá no meio.

Galileu *se enxugando* - É, foi o que eu também senti, quando vi essa

coisa pela primeira vez. Há mais gente que sente assim. *Joga a toalha a Andrea para que ele lhe esfregue as costas.* Muros e cascas, tudo parado! Há dois mil anos a humanidade acredita que o Sol e as estrelas do céu giram em torno dela. O papa, os cardeais, os príncipes, os sábios, capitães, comerciantes, peixeiras e crianças de escola, todos achando que estão imóveis nessa bola de cristal. Mas agora nós vamos sair, Andrea, para uma grande viagem. Porque o tempo antigo acabou, e começou um tempo novo. Já faz cem anos que a humanidade está esperando alguma coisa. As cidades são estreitas, e as cabeças também. Superstição e peste. Mas veja o que se diz agora: se as coisas são assim, assim não ficam. Tudo se move, meu amigo.

Gosto de pensar que os navios tenham sido o começo. Desde que há memória, eles vinham se arrastando ao longo da costa, mas, de repente, deixaram a costa e exploraram os mares todos.

Em nosso velho continente nasceu um boato: existem continentes novos. E agora que os nossos barcos navegaram até lá, a risada nos continentes é geral. O que se diz é que o grande mar temível é uma lagoa pequena. E surgiu um grande gosto pela pesquisa da causa de todas as coisas: saber por que cai a pedra, seasoltamos, e como ela sobe, se a jogamos para cima. Não há dia em que não se descubra alguma coisa. Até os velhos e os surdos puxam conversa para saber das últimas novidades. Já se descobriu muita coisa, mas há mais coisas ainda que poderão ser descobertas. De modo que também as novas gerações têm o que fazer.

Em Siena, quando moço, vi uma discussão de cinco minutos sobre a melhor maneira de mover blocos de granito; em seguida, os pedreiros abandonaram uma técnica milenar e adotaram uma disposição muito mais inteligente das cordas. Naquele lugar e naquele minuto fiquei sabendo: o tempo antigo passou, e agora é um tempo novo. Logo a humanidade terá uma idéia clara de sua casa, do corpo celeste que ela habita. O que está nos livros antigos não lhe basta mais.

Pois onde a fé teve mil anos de assento, sentou-se agora a dúvida. Todo mundo diz: é, está nos livros — mas nós queremos ver com nossos olhos.

As verdades mais consagradas são tratadas sem cerimônia; o que era indubitável agora é posto em dúvida. Em conseqüência, formou-se um vento que levanta as túnicas brocadas dos príncipes e prelados, e põe à mostra pernas gordas e pernas de palito, pernas como as nossas pernas. Mostrou-se que os céus estavam vazios, o que causou uma alegre gargalhada.

Mas as águas da Terra fazem girar as novas rocas, e nos estaleiros, nas manufaturas de cordame e de velame, quinhentas mãos se movem em conjunto, organizadas de maneira nova.

Predigo que a astronomia será comentada nos mercados, ainda em tempos de nossa vida. Mesmo os filhos das peixeiras quererão ir à escola. Pois os habitantes de nossas cidades, sequiosos de tudo que é novo, gostarão de uma astronomia nova, em que também a Terra se mova. O que constava é que as estrelas estão presas a uma esfera de cristal para que não caiam. Agora juntamos coragem, e deixamos que flutuem livremente, sem amarras, e elas estão em grande viagem, como as nossas caravelas, sem amarras e em grande viagem. E a Terra rola alegremente em volta do Sol, e as mercadoras de peixe, os comerciantes, os príncipes e os cardeais, e mesmo o papa, rolam com ela.

Uma noite bastou para que o universo perdesse o seu ponto central; na manhã seguinte, tinha uma infinidade deles. De modo que agora o centro pode ser qualquer um, ou nenhum. Subitamente há muito lugar. Nossos navios viajam longe. As nossas estrelas giram no espaço longínquo, e mesmo no jogo de xadrez, a torre agora atravessa o tabuleiro de lado a lado. Como diz o poeta: “Ó manhã dos inícios!...”

ANDREA —

“Ó manhã dos inícios!...

Ó sopro do vento

Que vem de terras novas!”

O senhor devia beber o seu leite, porque daqui a pouco chega gente.

GALILEU — Você acabou entendendo o que eu lhe expliquei ontem?

Andrea — O quê? Aquela história do Quipérnico e da rotação?

GALILEU — É.

ANDREA—Não. Por que o senhor quer que eu entenda? É muito difícil, e eu ainda não fiz onze anos, vou fazer em outubro.

GALILEU — Mas eu quero que também você entenda. É para que se entendam essas coisas que eu trabalho e compro livros caros em lugar de pagar o leiteiro.

ANDREA — Mas eu vejo que o Sol de noite não está onde estava de manhã. Quer dizer que ele não pode estar parado! Nunca e jamais.

GALILEU — Você vê! O que é que você vê? Você não vê nada! Você arregala os olhos, e arregalar os olhos não é ver. *Galileu põe a bacia de ferro no centro do quarto.* Bem, isto é o Sol. Sente-se aí. *Andrea se senta na única cadeira; Galileu está de pé, atrás dele.* Onde está o Sol, à direita ou à esquerda?

ANDREA — À esquerda.

GALILEU — Como fazer para ele passar para a direita?

ANDREA — O senhor carrega a bacia para a direita, claro.

GALILEU — E não tem outro jeito? *Levanta Andrea e a cadeira do chão, faz meia-volta com ele.* Agora, onde é que o Sol está?

ANDREA — À direita.

GALILEU — E ele se moveu?

ANDREA — Ele, não.

GALILEU — O que é que se moveu?

ANDREA — Eu.

GALILEU *berrando* — Errado! Seu burro! A cadeira!

ANDREA — Mas eu com ela!

GALILEU — Claro. A cadeira é a Terra. Você está em cima dela.

DONA SARTI *que entrou para fazer a cama e assistiu à cena* — Seu Galileu, o que o senhor está fazendo com o meu menino?

GALILEU — EU o estou ensinando a ver.

DONA SARTI — Arrastando o menino pelo quarto?

ANDREA — Deixa, mamãe. Você não entende desse assunto.

DONA SARTI — Ah, é? Mas você entende, é isso? Está um moço aí fora, ele quer aulas particulares. Muito bem vestido, e trouxe uma carta de recomendação. *Entrega a carta.* Com o senhor, o meu Andrea ainda acaba dizendo que dois mais dois são cinco. Ele confunde tudo o que o senhor diz. Ontem à noite ele me provou que a Terra dá volta no Sol. Está convencido de que isso fôz calculado por um tal Quipémico.

ANDREA — Seu Galileu, o Quipémico não calculou? Diga a ela o senhor mesmo!

DONA SARTI — Mas é verdade mesmo que o senhor ensina essas bobagens? Depois ele vai e fala essas coisas na escola, e os padres vêm me procurar, porque ele fica dizendo coisas que são contra a religião. O senhor devia ter vergonha, senhor Galileu!

GALILEU *tomando café* — Dona Sarti, com base em nossas pesquisas e depois de intensa disputa, Andrea e eu fizemos descobertas que não podemos mais ocultar ao mundo. Começou um tempo novo, uma grande era, em que viver será um prazer.

DONA SARTI — Sei. Espero que nesse tempo novo a gente possa pagar o leiteiro. *Apontando a carta de recomendação.* O senhor me faça o favor, e não mande embora esse também. Eu estou pensando na conta do leiteiro. *Sai.*

GALILEU *rindo* — Vai, vai, me deixe ao menos acabar o meu leite!

Voltando-se para Andrea — Alguma coisa ontem nós sempre compreendemos, hein?

ANDREA — Eu falei só para ela se espantar. Mas não está certo. O senhor virou a cadeira em volta dela mesma, assim, e não assim. *Faz um movimento com o braço, de cima para baixo.* Senão eu tinha caído, e isso é um fato. Por que o senhor não virou a cadeira para a frente? Porque daí ficava provado que, se ela virasse assim, eu caía da Terra. Isso é que é.

GALILEU — Mas, se eu te demonstrei...

ANDREA — Mas esta noite eu descobri que toda noite eu ficaria pendurado de cabeça para baixo, se a Terra virasse como o senhor diz. E isso é um fato.

GALILEU *pega uma maçã na mesa* — Bom. Isto é a Terra.

ANDREA — Ah, não, seu Galileu, não venha com esses exemplos. Assim o senhor sempre se sai bem.

GALILEU *pondo a maçã no lugar outra vez* — Você é quem sabe.

ANDREA — Com exemplos a gente sempre leva a melhor, sendo esperto. Mas eu não posso carregar a minha mãe na cadeira como o senhor me carrega. O senhor está vendo que o exemplo é ruim. E se a maçã for a Terra, o que acontece? Não acontece nada.

GALILEU *ri* — Você não quer saber.

ANDREA — Pegue a maçã de novo. Como é que à noite eu não fico pendurado de cabeça para baixo?

GALILEU — Bom, isto é a Terra, e você está aqui. *Tira uma lasca de um toro de lenha e finca na maçã.* E agora a Terra gira.

ANDREA — E agora eu estou de cabeça para baixo.

GALILEU — Por quê? Olhe com atenção. A cabeça, onde está?

ANDREA *mostrando* — Aqui, embaixo.

GALILEU — O quê? *Gira em sentido contrário, até a primeira posição.*

A cabeça não está no mesmo lugar? Os pés não estão mais no chão? Quando eu viro, você acaso fica assim? *Tira e inverte a lasca.*

ANDREA — Não. E por que é que eu não percebo que virou?

GALILEU — Porque você vai junto. Você e o ar que está em cima de você e tudo o que está sobre a esfera.

ANDREA — E por que parece que é o Sol que sai do lugar?

GALILEU *gira novamente a maçã com o graveto* — Debaixo de você, você vê a Terra, sempre igual, que fica embaixo e para você não se move. Mas agora, olhe para cima. Agora é a lâmpada que está em cima da sua cabeça. Mas agora, se eu giro, agora o que é que está sobre a sua cabeça e portanto no alto?

ANDREA *acompanha o giro* — A lareira.

GALILEU — E a lâmpada onde está?

ANDREA — Embaixo.

GALILEU — Táí.

ANDREA — Essa é boa; ela vai ficar de boca aberta.
Entra Ludovico Marsili, moço rico.

GALILEU — Isto aqui parece a casa da sogra.

LUDOVICO — Bom-dia, meu senhor. O meu nome é Ludovico Marsili.

GALILEU *examinando a sua carta de recomendação* — O senhor esteve na Holanda?

LUDOVICO — Onde ouvi falar muito do senhor.

GALILEU — A sua família tem propriedades na Campanha?

LUDOVICO — Minha mãe queria que eu me arejasse um pouco, visse o que acontece pelo mundo, etc.

GALILEU — E na Holanda o senhor ouviu dizer que na Itália, por exemplo, aconteço eu?

LUDOVICO — E como minha mãe deseja que eu me oriente um pouco nas ciências...

GALILEU — Aulas particulares: dez escudos por mês.

LUDOVICO — Muito bem, senhor.

GALILEU — Quais são os seus interesses?

LUDOVICO — Cavalos.

GALILEU — Hum...

LUDOVICO — Eu não tenho cabeça para as ciências, senhor Galileu.

GALILEU — Hum. Nesse caso, são quinze escudos por mês.

LUDOVICO — Muito bem, senhor Galileu.

GALILEU — As aulas serão de manhã cedo. Vai ser à sua custa, Andrea, não vai sobrar tempo. Você entende, você não paga.

ANDREA — Já estou saindo. Posso levar a maçã?

GALILEU — Leve.
Andrea sai.

LUDOVICO — O senhor vai precisar de paciência comigo. Principalmente porque nas ciências tudo é diferente do que manda o bom senso. O senhor veja, por exemplo, aquele tubo estranho que estão vendendo em Amsterdã. Eu examinei com cuidado. Um canudo de couro verde e duas lentes — uma assim — *representa uma lente côncava* — e uma assim — *representa uma lente convexa*. Ouvi dizer que uma aumenta e a outra diminui. Qualquer pessoa razoável pensaria que se compensam. Errado. O tubo aumenta as coisas cinco vezes. Isso é a ciência.

GALILEU — O que é que o tubo aumenta cinco vezes?

LUDOVICO — Torres de igrejas, pombas; tudo o que esteja longe.

GALILEU — O senhor mesmo viu essas coisas aumentadas?

LUDOVICO — Sim, senhor.

GALILEU — E o tubo tinha duas lentes? *Galileu faz um esboço no papel.*
Era assim? *Ludovico faz um gesto que sim.* De quando é essa invenção?

LUDOVICO — Quando saí da Holanda acho que não tinha mais que uns dias, ao menos de venda.

GALILEU *quase amável* — E por que é que precisa ser a física e não a criação de cavalos?
Entra Dona Sarti, sem que Galileu perceba.

LUDOVICO — Minha mãe acha que um pouco de ciência é necessário.
Hoje todo mundo toma o seu vinho com ciência, o senhor sabe.

GALILEU — O senhor podia escolher uma língua morta ou teologia. É mais fácil. *Vê Dona Sarti.* Bem, nos veremos terça-feira de manhã.
Ludovico sai.

GALILEU — Não precisa me olhar desse jeito. Eu vou dar as aulas.

DONA SARIL* — Só porque você me viu a tempo. O Procurador da universidade está aí fora.

GAT.H.F.IT — Faça-o entrar, que esse é importante. Podem ser quinhentos escudos. Daí eu não preciso de alunos.

Dona Sarti faz entrar o Procurador. Galileu aproveita para acabar de se vestir e rabiscar números num papel.

GALILEU — Bom-dia, me empreste meio escudo. *Entrega a Dona Sarti a moeda que o Procurador havia pescado em sua bolsa.* Dona Sarti, mande Andrea ao oculista para comprar duas lentes; as medidas estão aqui.

Dona Sarti sai com o papel.

PROCURADOR — Eu vim tratar do seu pedido de aumento; o senhor quer

ganhar mil escudos. Infelizmente, o meu parecer não será favorável. O senhor sabe que os cursos de matemática não garantem frequência à universidade. A matemática, por assim dizer, não é uma arte alimentícia. Não que a República não a tenha na mais alta conta. Embora não seja tão necessária como a filosofia, nem tão útil quanto a teologia, aos conhecedores ela proporciona infinito prazer!

GALILEU *mexendo em seus papéis* — Meu caro amigo, com quinhentos escudos eu não vivo.

PROCURADOR — Mas, senhor Galileu, o senhor tem duas horas de aula, duas vezes por semana. O seu extraordinário prestígio lhe traz quantos alunos quiser, gente que pode pagar aulas particulares. O senhor não tem alunos particulares?

GALILEU — Tenho, demais! Eu ensino e ensino, e quando é que estudo? Homem de Deus, eu não sei tudo, como os senhores da Faculdade de Filosofia. Eu sou estúpido. Eli não entendo nada de nada. De modo que necessito preencher os buracos do meu saber. E quando é que tenho tempo? Quando é que faço pesquisa? Meu senhor, a minha ciência ainda tem fome de saber! Sobre os maiores problemas nós ainda não temos nada que seja mais do que hipótese. Mas nós exigimos provas. E como eu vou fazer progresso, se para *s*listentar a minha casa sou forçado a me dedicar a *q*lialquer imbecil, desde que tenha dinheiro, enfiar na cabeça dele que as paralelas se encontram no infinito?

PROCURADOR — Em todo caso, o senhor não esqueça que a República talvez não pague tanto quanto certos príncipes, mas garante a liberdade de pesquisa. Nós em Pádua admitimos até mesmo alunos protestantes. E lhes damos o diploma de doutor. Quando provaram—provaram, senhor Galileu—que Cremonini dizia coisas contra a religião, nós não só não o entregamos à Inquisição, como aumentamos o salário dele.

Até na Holanda se sabe *q*Lie Veneza é a República onde a Inquisição não manda. E isso tem um certo valor para o senhor, que é astrônomo, que trabalha numa disciplina em que há muito tempo a doutrina da Igreja não encontra mais o devido respeito!

GALILEU — É uma besteira.

PROCURADOR — O senhor chama de besteira uma coisa que encantou e espantou os cidadãos mais eminentes e rendeu dinheiro à vista. Eu ouvi dizer que o próprio marechal Stefano Gritti é capaz de tirar uma raiz quadrada com o seu instrumento!

GALILEU — De fato, é milagroso! Em todo caso, o senhor me fez pensar. Talvez eu tenha alguma coisa do gênero que lhe interessa.

PROCURADOR — É? Seria a solução. *Levanta-se.* Galileu, nós sabemos que o senhor é um grande homem. Grande, mas insatisfeito, se me permite dizer.

GALILEU — Sou, sou insatisfeito, mais uma razão para vocês me pagarem melhor, se fossem mais inteligentes! Pois a minha insatisfação é comigo mesmo. Mas, em vez disso, vocês fazem tudo para que eu fique insatisfeito com vocês. É verdade, meus senhores de Veneza, que eu gosto de usar o meu engenho no seu famoso arsenal, nos estaleiro e na fundição de canhões. O arsenal põe questões à minha ciência, que a levariam mais adiante, mas vocês não me dão tempo de especular. Vocês amarram a boca ao boi que está trabalhando. Eu tenho quarenta e seis anos e não fiz nada que me satisfizesse.

PROCURADOR — Nesse caso, eu não vou incomodá-lo mais.

GALILEU — Obrigado.
O Procurador sai. Galileu fica sozinho por alguns instantes e começa a trabalhar. Andrea entra correndo.

GALILEU *trabalhando* — Por que você não comeu a maçã?

ANDREA — É pra ela ver que ela gira.

GALILEU — Andrea, ouça aqui, não fale aos outros de nossas idéias.

ANDREA — Por quê?

GALILEU — Porque as autoridades proibiram.

ANDREA — Mas são a verdade.

GALILEU — Mas proibiram. E nesse caso tem mais. Nós, físicos, ainda não conseguimos provar o que julgamos certo. Mesmo a doutrina do grande Copérnico ainda não está provada. Ela é apenas uma hipótese. Me passe as lentes.

ANDREA — O meio escudo não deu. Deixei o meu casaco de penhor.

GALILEU — Você vai passar o inverno sem casaco?
Pausa. Galileu arruma as lentes sobre a folha em que está o esboço.

ANDREA — O que é uma hipótese?

GALILEU — É quando uma coisa nos parece provável, sem que tenhamos os fatos. Veja a Felícia, lá embaixo, na frente do cesteiro, com a criança no peito. É uma hipótese que ela dê leite à criança e que não seja o contrário; é uma hipótese enquanto eu não puder ir lá, ver de perto e demonstrar. Diante das estrelas, nós somos como vermes de olhos turvos, que vêem muito pouco. As velhas doutrinas, aceitas durante mil anos, estão condenadas; há mais madeira na escora do que no prédio enorme que ela sustenta. Muitas leis que explicam pouco, enquanto a hipótese nova tem poucas leis que explicam muito.

ANDREA — Mas o senhor provou tudo para mim.

GALILEU — Não. Eu só mostrei que seria possível. Você compreende, a hipótese é muito bonita e não há nada que a desminta.

ANDREA — Eu também quero ser físico, senhor Galileu.

GALILEU — Acredito, considerando a infinidade de questões que resta esclarecer em nosso campo. *Galileu foi até a janela, e olhou através das lentes. O seu interesse é moderado.* Andrea, dê uma olhada.

ANDREA — Virgem Maria, chegou tudo perto. O sino do campanário, pertinho. Dá para ler até as letras de cobre: *Gratia Dei.*

GALILEU — Isso vai nos render quinhentos escudos.

2

GALILEU GALILEI ENTREGA UMA NOVA INVENÇÃO À REPÚBLICA DE VENEZA

Um grande homem não é grande por igual.
 Mais vale comer bem que comer mal.
 Esta é a história mais que clara
 Do telescópio de Galileu,
 Que ele inventou que inventara.

Conselheiros, à sua frente o doge. Ao lado, Sagredo, amigo de Galileu, e Virginia Galilei, moça de quinze anos; ela segura uma almofada de veludo, sobre a qual está uma luneta de uns sessenta centímetros, metida num estojo de couro carmesim. Galileu está sobre uma tribuna. Atrás dele, a armação para o telescópio, ao cuidado de Federzoni, o operário polidor de lentes.

GALILEU — Excelência, veneráveis Conselheiros. Como professor de matemática na vossa Universidade de Pádua, e como diretor de vosso Grande Arsenal, aqui em Veneza, considero que a nobre tarefa docente, que me foi confiada, não é a minha única missão. Procuo também proporcionar vantagens excepcionais à República Veneziana, através de invenções com aplicação prática. Com alegria profunda e toda a humildade devida, estou em condições de apresentar e entregar-vos hoje um instrumento inteiramente novo, o meu tubo ótico, o telescópio, construído em vosso famosíssimo Grande Arsenal, segundo os princípios máximos da ciência e do cristianismo, fruto de dezessete anos de paciente pesquisa de seu dedicado servidor. *Galileu desce da tribuna e vai postar-se ao lado de Sagredo. Palmas. Galileu se curva.*

GALILEU *baixinho*, a Sagredo — Tempo perdido!

SAGREDO — Meu velho, você vai pagar o açougue.

GALILEU — É, vai dar dinheiro para eles. *Inclina-se outra vez.*

PROCURADOR *sobe à tribuna* — Excelência, veneráveis Conselheiros! Os caracteres venezianos irão cobrir mais uma das páginas gloriosas do grande livro das artes.

Aplauso cortês.

Um sábio de renome mundial vos entrega aqui, e somente avós, um tubo de grande interesse comercial, para que o fabriqueis e o lanceis no mercado como melhor vos aprouver.

Aplauso mais vigoroso.

PROCURADOR *continuando* — E tereis refletido, senhores, que em caso de guerra este instrumento permitirá que reconheçamos, duas horas antes que o inimigo nos reconheça, a espécie e o número das suas embarcações, de modo que, sabedores de sua força, decidiremos pela perseguição, pela luta ou pela fuga?

Aplauso fortíssimo.

E agora, Excelência, veneráveis Conselheiros, o senhor Galileu vos pede que aceiteis este instrumento de sua invenção, esta prova de sua intuição, das mãos de sua encantadora filha.

Música. Virginia avança, faz uma reverência e entrega a luneta ao Procurador, que a entrega a Federzoni. Federzoni monta o instrumento no tripé e ajusta as lentes. O Doge e os Conselheiros sobem à tribuna e olham através do tubo.

GALILEU *baixinho* — É muita palhaçada para se agüentar até o fim. Esses aí pensam que estão ganhando um brinquedo lucrativo, mas é muito mais. Ontem eu apontei o tubo para a Lua.

SAGREDO — O que foi que você viu?

GALILEU — Ela não tem luz própria.

SAGREDO — O quê?

CONSELHEIRO — Estou vendo a fortaleza de Santa Rosita, senhor Galileu.

Naquela barca ali estão almoçando. É peixe frito. Estou com fome.

GALILEU — É o que lhe digo. A astronomia parou há mil anos porque não havia telescópio.

CONSELHEIRO — Senhor Galileu!

SAGREDO — Ele está falando com você.

CONSELHEIRO — Com esse negócio a gente vê bem demais. Eu vou proibir o mulhêro lá em casa de tomar banho no telhado.

GALILEU — Você sabe do que é feita a Via Láctea?

SAGREDO — Não.

GALILEU — Eu sei.

CONSELHEIRO — Uma coisa dessas, senhor Galileu, vale bem dez escudos.

Galileu faz uma curvatura.

VIRGÍNIA *trazendo Ludovico* — Papai, Ludovico quer cumprimentá-lo.

LUDOVICO *vexado* — Meus cumprimentos, senhor.

GALILEU — Eu melhorei o aparelho.

LUDOVICO — Perfeitamente. O senhor fez um estôjo vermelho. Na Holanda era verde.

Gat.it.ku *vira-separa Sagredo* — Eu me pergunto até se com esse troço eu não vou provar uma certa doutrina.

SAGREDO — Não seja inconveniente.

PROCURADOR — Os seus quinhentos escudos estão garantidos, Galileu.

GALILEU *sem dar-lhe atenção* — É claro que desconfio de conclusões precipitadas.

O Doge, um homem gordo e modesto, aproxima-se de Galileu e tenta falar-lhe, com dignidade.

PROCURADOR — Senhor Galileu, Sua Excelência, o Doge.
O Doge aperta a mão de Galileu.

GALILEU — É verdade, os quinhentos! Vossa Excelência está satisfeita?

DOGE — Em nossa República, infelizmente, só damos alguma coisa aos sábios quando há pretexto para os nossos senadores.

PROCURADOR — Mas, se não fosse assim, onde ficaria o estímulo, o senhor não acha, Galileu?

DOGE *sorrindo* — Precisamos de pretextos.
O Doge e o Procurador conduzem Galileu em direção dos Conselheiros, que logo o cercam. Virgínia e Ludovico saem devagar.

VIRGÍNIA — Eu me saí bem?

LUDOVICO — Achei perfeito.

VIRGÍNIA — Mas o que foi?

LUDOVICO — Nada. Um estôjo verde talvez não fosse pior.

VIRGÍNIA — Eu acho que estão todos satisfeitos com papai.

LUDOVICO — E eu acho que estou começando a entender alguma coisa de ciência.

3

10 DE JANEIRO DE 1610. SERVINDO-SE DO TELESCÓPIO, GALILEU DESCOBRE FENÔMENOS CELESTES QUE CONFIRMAM O SISTEMA COPERNICANO. ADVERTIDO POR SEU AMIGO DAS POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS DE SUA PESQUISA, GALILEU AFIRMA A SUA FÉ NA RAZÃO HUMANA

Dez de janeiro de mil seiscentos e dez:
Galileu Galilei via que o céu não existia.

Quarto de estudos de Galileu, em Pádua. Noite. Galileu e Sagredo, metidos em grossos capotes, olham pelo telescópio

SAGREDO *olhando pelo telescópio, a meia voz* — Os bordos do crescente estão irregulares, denteados e rugosos. Na parte escura, perto da faixa luminosa, há pontos de luz. Vão aparecendo, um depois do outro. A partir deles a luz se espraia, ocupa superfícies sempre maiores, onde conflui com a parte luminosa principal.

GALILEU — E como se explicam esses pontos luminosos?

SAGREDO — Não pode ser.

GALILEU — Pode, são montanhas.

SAGREDO — Numa estrela?

GALILEU — Montanhas enormes. Os cimos são dourados pelo sol nascente, enquanto a noite cobre os abismos em volta. Você está vendo a luz baixar dos picos mais altos ao vale.

SAGREDO — Mas isso contradiz a astronomia inteira de dois mil anos.

GALILEU — É. O que você está vendo homem nenhum viu, além de mim. Você é o segundo.

SAGREDO — Mas a Lua não pode ser uma Terra, com montanhas e vales, assim como a Terra não pode ser uma estrela.

GALILEU — A Lua pode ser uma Terra com montanhas e vales e a Terra pode ser uma estrela. Um corpo celeste qualquer, um entre milhares. Olhe outra vez. A parte escura da Lua é inteiramente escura?

SAGREDO — Não, olhando bem eu vejo uma luz fraca, cinzenta.

GALILEU — Essa luz o que é?

SAGREDO — ?

GALILEU — É da Terra.

SAGREDO — Não, isso é absurdo. Como pode a Terra emitir luz, com suas montanhas, suas águas e matas, e sendo um corpo frio?

GALILEU — Do mesmo modo que a Lua. Porque as duas são iluminadas pelo Sol e é por isso que elas brilham. O que a Lua é para nós, nós somos para a Lua. Ela nos vê ora como crescente, ora como semicírculo, ora como Terra cheia e ora não nos vê.

SAGREDO — Portanto não há diferença entre Lua e Terra?

GALILEU — Pelo visto, não.

SAGREDO — Não faz dez anos que, em Roma, um homem subia à fogueira. Chamava-se Giordano Bruno e afirmava exatamente isso.

GALILEU — Claro. E agora estamos vendo. Não pare de olhar, Sagredo. O que você vê é que não há diferença entre céu e terra. Hoje, dez de janeiro de 1610, a humanidade registra em seu diário: aboliu-se o céu.

SAGREDO — É terrível.

GALILEU — E ainda descobri outra coisa, quem sabe se mais espantosa.

DONA SARTI *de fora* — O Procurador.
Entra o Procurador, agitado.

PROCURADOR — O senhor perdoe a hora. Seria um favor se eu pudesse falar ao senhor em particular.

GALILEU — Prezado Priuli, tudo o que eu posso ouvir, o senhor Sagredo também pode.

PROCURADOR — Mas talvez não lhe seja agradável que esse senhor ouça o que aconteceu. É lamentável, uma coisa inteiramente incrível.

GALILEU — Por isso não, que o senhor Sagredo está habituado a ver o incrível em minha companhia.

PROCURADOR — Eu lamento, lamento. *Apontando o telescópio.* Ei-lo,

o objeto extraordinário. O senhor pode jogar fora esse objeto, que dá no mesmo. Não serve para nada, absolutamente nada.

SAGREDO *que andava para baixo e para cima, inquieto*—Mas como?

PROCURADOR — O senhor sabe que este seu invento, este seu fruto de dezessete anos de pesquisa pode ser comprado em qualquer esquina da Itália por um par de escudos? E que a fabricação é holandesa? No porto, neste instante, há um cargueiro holandês, descarregando quinhentos telescópios.

GALILEU — Não diga!

PROCURADOR — Eu não entendo a sua calma, meu senhor.

SAGREDO — Mas de que o senhor está falando? Permita-me contar que nestes dias, e por meio deste instrumento, o senhor Galileu fez descobertas inteiramente revolucionárias a respeito do mundo das estrelas.

GALILEU *rindo* — Dê uma olhada, Priuli.

PROCURADOR — O senhor é que vai me permitir, pois a mim me basta a descoberta que fiz quando arranjei a duplicação do salário de Galileu, em troca desse trambolho. Foi por mero acaso que os senhores do Conselho, quando olhavam pelo telescópio, achando que garantiam à República um instrumento que só se produziria aqui, não viram na esquina, sete vezes ampliado, um vendedor ambulante vendendo este mesmo telescópio pelo preço de um pão com manteiga.

Galileu dá uma risada sonora.

SAGREDO — Meu caro senhor Priuli, talvez eu não saiba julgar o valor desse instrumento para o comércio, mas o seu valor para a filosofia é tão imenso que...

PROCURADOR—Para a filosofia! O senhor Galileu é matemático, o que ele tem que mexer com a filosofia? Senhor Galileu, o senhor é inventor de uma bomba de água muito útil à cidade, e o sistema de irrigação que o senhor projetou funciona. Também os

tecelões elogiam a sua máquina. Como é que eu podia esperar uma coisa dessas?

GALILEU — Mais devagar, Priuli. As rotas marítimas continuam longas, arriscadas e caras. Falta uma espécie de relógio seguro no céu. Uma baliza para a navegação. Pois bem, eu tenho razões para supor que certas estrelas, de movimento muito regular, podem ser acompanhadas pelo telescópio. Com mapas novos, meu caro, a marinha poderia economizar milhões de escudos.

PROCURADOR — Deixe disso. Já lhe dei muito ouvido. Em troca de minha boa vontade, o senhor me fez de palhaço para a cidade inteira. Eu vou passar à história como o procurador que caiu no conto do telescópio. O senhor tem por que rir, agarrou os seus quinhentos escudos, mas eu lhe digo uma coisa, e é um homem honesto quem diz: esse mundo me dá nojo! *Sai, batendo a porta.*

GALILEU — Assim furioso, ele chega a ser simpático. Você ouviu? Um mundo no qual não se pode fazer negócios dá nojo.

SAGREDO — Você sabia desse instrumento holandês?

GALILEU — É claro que sim, de ouvir falar. Mas o aparelho que eu construí para esses bolhas do Conselho é muito melhor. Como é que eu posso trabalhar com o oficial de Justiça na sala? E Virginia logo, logo, precisa de um dote, ela não é inteligente. Depois, eu gosto de comprar livros, e não são só livros de física, e gosto de comida decente. Quando como bem é que me vêm as melhores idéias. Que tempos miseráveis! Eles me pagam menos que ao cocheiro que lhes transporta os barris de vinho. Quatro feixes de lenha por duas aulas de matemática. Agora eu agarrei quinhentos escudos, mas não dá para pagar as dívidas, algumas de vinte anos. Cinco anos de sossego para as minhas pesquisas, e eu provaria tudo! Quero que você veja mais outra coisa.

SAGREDO *hesita, antes de voltar ao telescópio* — O que eu sinto é quase como medo, Galileu.

GALILEU—Vou lhe mostrar uma das nebulosas brancas e brilhantes da

Via Láctea. Me diga do que ela é feita!

SAGREDO — São estrelas, incontáveis.

GALILEU — Só na constelação de Órion são quinhentas estrelas fixas. São os muitos mundos, os incontáveis outros mundos, as estrelas distantes de que falava o queimado-vivo. Ele não chegou a vê-las, as estrelas que esperava!

SAGREDO — Mas, mesmo que esta Terra seja uma estrela, há muita distância até as afirmações de Copérnico, de que ela gira em volta do Sol. Não há estrela no céu que tenha outra girando à sua volta. Mas em torno da Terra gira sempre a Lua.

GALILEU—Eu duvido, Sagredo. Desde anteontem eu duvido. Olhe Júpiter — *acerta o telescópio* — junto dele estão quatro estrelas menores, que só se vêem pelo telescópio. Eu as vi na segunda-feira, mas não fiz muito caso da sua posição. Ontem, olhei outra vez. Jurava que todas as quatro tinham mudado de lugar. Eu tomei nota. Estão diferentes outra vez. O que é isso? Se eu vi quatro. *Agitado*. Olhe você!

SAGREDO — Eu vejo três.

GALILEU — A quarta onde está? Olhe as tabelas. Vamos calcular o movimentos que elas possam ter feito.

Excitados, sentam-se e trabalham. O palco escurece, mas no horizonte continua-se a ver Júpiter e seus satélites. Quando o palco clareia, ainda estão sentados, usando capotes de inverno.

GALILEU—Está provado. A quarta só pode ter ido para trás de Júpiter, onde ela não é vista. Está aí uma estrela que tem outra girando à sua volta.

SAGREDO — Mas, e a esfera de cristal, em que Júpiter está fixado?

GALILEU — De fato, onde é que ela ficou? Como pode Júpiter estar fixado, se há estrelas girando em sua volta? Não há suporte no céu, não há ponto fixo no universo! É outro sol!

SAGREDO — Calma, você pensa depressa demais!

GALILEU—Que depressa nada! Acorda, rapaz! O que você está vendo nunca ninguém viu. Eles tinham razão.

SAGREDO — Quem, os copemicanos?

GALILEU — E o outro! O mundo todo estava contra eles e eles tinham razão. Andrea é que vai gostar. *Fora de si corre para a porta e grita* — Dona Sarti! Dona Sarti!

SAGREDO — Galileu, você precisa se acalmar!

GALILEU — Sagredo, você precisa se animar! Dona Sarti!

SAGREDO *desvia o telescópio* — Você quer parar de gritar como um louco?

GALILEU — Você quer parar de fazer cara de peixe morto, quando a verdade foi descoberta?

SAGREDO — Eu não estou fazendo cara de peixe morto, eu estou tremendo de medo de que seja mesmo verdade.

GALILEU — O quê?

SAGREDO — Mas você não tem um pouco de juízo? Não percebe a situação em que fica se for verdade o que está vendo? Se você andar por aí gritando pelas feiras que a Terra é uma estrela e que não é o centro do universo?

GALILEU — Sim senhor, e que não é o universo enorme, com todas as suas estrelas, que gira em torno de nossa Terra, que é ínfima — o que aliás era de se imaginar.

SAGREDO — E que, portanto, só existem estrelas! E Deus, onde é que fica?

GALILEU — O que você quer dizer?

SAGREDO — Deus, onde é que fica Deus?

GALILEU *em fúria* — Lá não! Do mesmo jeito que ele não existe aqui na Terra, se houver habitantes de lá que queiram achá-lo aqui!

SAGREDO — E então onde é que ele fica?

GALILEU — Eu sou teólogo? Eu sou matemático.

SAGREDO — Antes de tudo você é um homem, e eu pergunto: onde está Deus no seu sistema do mundo?

GALILEU — Em nós, ou em lugar algum.

SAGREDO *gritando* — A mesma fala do queimado-vivo?

GALILEU — A mesma fala do queimado-vivo!

SAGREDO — Por causa dela ele foi queimado! Não faz dez anos!

GALILEU — Porque ele não tinha como provar! Porque ele só afirmava! Dona Sarti!

SAGREDO — Galileu, eu sempre o conheci como homem de juízo. Durante dezessete anos em Pádua, e durante três anos em Pisa, pacientemente você ensinou a centenas de alunos o sistema de Ptolomeu, que é adotado pela Igreja e é confirmado pela Escritura, na qual a Igreja repousa. Você, na linha de Copérnico, achava errado, mas ensinava assim mesmo.

GALILEU — Porque eu não tinha provas.

SAGREDO *incrédulo* — E você acha que isso faz alguma diferença?

GALILEU — Faz toda a diferença. Veja aqui, Sagredo! Eu acredito no homem, e isto quer dizer que acredito na sua razão! Sem esta fé eu não teria a força de sair da cama pela manhã.

SAGREDO — Então eu vou lhe dizer uma coisa: eu não acredito nela. Quarenta anos entre os homens me ensinaram, com constância, que eles não são acessíveis à razão. Você mostra a eles a cauda vermelha de um cometa, você mete medo neles, e eles saem de casa e correm até acabar as pernas. Mas você faz uma afirmação racional, prova com sete argumentos, e eles riem na sua cara.

GALILEU — Isso é inteiramente falso, é uma calúnia. Eu não entendo como você possa amar a ciência, acreditando nisso. Só o morto é insensível a um bom argumento!

SAGREDO — Como você confunde a miserável esperteza deles com a razão!

GALILEU — Eu não estou falando da esperteza. Eu sei que na hora de vender o povo chama o burro de cavalo, e chama o cavalo de burro na hora de comprar. Essa é a sua esperteza. A velhinha sabida, que dá mais capim à sua mula porque na manhã seguinte vão viajar; o navegador que provê seu barco pensando na tempestade e na calmaria; a criança que bota um boné se lhe provaram que pode chover, são esses a minha esperança. Eles usamacabeça. Sim senhor, eu acredito na força suave da razão. A longo prazo, os homens não lhe resistem, não agüentam. Ninguém se cala indefinidamente — *Galileu deixa cair uma pedra de sua mão se-~~eu~~* disser que a pedra que caiu não caiu. Não há homem capaz disso. A sedução do argumento é grande demais. Ela vence a maioria, todos, a longo prazo. Pensar é um dos maiores prazeres da raça humana.

DONA SARTI *entrando* — O senhor quer alguma coisa, seu Galileu?

GALILEU — Quero, quero Andrea.

DONA SARTI — Andrea? Ele está na cama, dormindo.

GALILEU — Será que ele não pode acordar?

DONA SARTI — O senhor está precisando dele?

GALILEU — É para mostrar uma coisa, uma coisa de que ele vai gostar. Ele vai ver uma coisa que, fora nós, ninguém viu, desde que a Terra existe.

DONA SARTI — É esse tubo outra vez?

GALILEU — É o meu tubo, Dona Sarti.

DONA SARTI — E para isso eu vou acordar o menino no meio da noite?

O senhor está bom da cabeça? De noite ele precisa dormir. Mas nem por sonho eu vou acordar o menino.

GALILEU — De jeito nenhum?

DONA SARTI — De jeito nenhum.

GALILEU — Dona Sarti, então a senhora mesma talvez me ajude. A senhora veja, há uma questão aqui, e nós não conseguimos chegar a um acordo, provavelmente porque lemos livros demais. É uma questão sobre o céu, uma questão a respeito das estrelas. É a seguinte: o que é mais provável: que o grande gire em torno do pequeno, ou que o pequeno gire em torno do grande?

DONA SARTI *desconfiada*—Eu com o senhor nunca sei. O senhor está perguntando a sério, ou está fazendo troça comigo?

GALILEU — Estou perguntando a sério.

DONA SARTI — Bom, a resposta é fácil. Sou eu que trago a comida para o senhor ou é o senhor que traz para mim?

GALILEU — É a senhora que traz. Ontem estava queimada.

DONA SARTI — E por que queimou? Porque o senhor pediu os sapatos enquanto eu estava cozinhando. Não fui eu quem trouxe os sapatos?

GALILEU — É provável.

DONA SARTI — Justamente. Porque é o senhor quem estudou e pode pagar.

GALILEU — Estou vendo. De modo que não há dificuldade. Bons-dias, Dona Sarti. *Sarti sai, dando risada.*

GALILEU — E gente assim não havia de entender a verdade? Eles têm fome de verdade!

O sino anuncia a missa das seis. Entra Virginia, de capote, carregando um lampião com quebra-vento.

VIRGÍNIA — Bom-dia, pai.

GALILEU — Você já está de pé?

VIRGÍNIA — Vou à missa das seis, com Dona Sarti. Ludovico também vai. Como foi a noite, pai?

GALILEU — Clara.

VIRGÍNIA — Posso olhar?

GALILEU — Pra quê? *Virginia não sabe o que responder.* Isso não é brinquedo.

VIRGÍNIA — Não, pai.

GALILEU — Além do mais, esse tubo é uma decepção, você vai ouvir isso em toda parte. Custa três escudos aí pela rua, já o tinham inventado na Holanda.

VIRGÍNIA — Você viu mais coisas novas no céu?

GALILEU — Nada para você. Só umas manchinhas escuras no lado esquerdo de uma estrela grande — para as quais eu preciso dar um jeito de chamar a atenção. *Galileufala a Sagredo, por cima da cabeça de sua filha.* — Acho que vou batizá-las de “estrelas Medicéias”, em homenagem ao Grão-Duque de Florença. *Falando à sua filha* — Uma coisa que te interessa, Virginia: provavelmente nos mudamos para Florença. Eu escrevi uma carta para lá, vendo se o Grão-Duque me quer para matemático da corte.

VIRGÍNIA *radiante* — Na corte?

SAGREDO — Galileu!

GALILEU—Meu caro, eu preciso de sossego. Eu preciso de provas. Eu quero comer carne. Lá me dispensam de enfiar Ptolomeu na cabeça de alunos particulares, e terei tempo, tempo, tempo, tempo, tempo! para elaborar as minhas provas, porque o que

tenho agora não basta. Isto aqui não é nada. É um mísero fragmento de trabalho. Não é coisa com que eu possa me apresentar ao mundo. Ainda não há prova alguma de que algum corpo celeste gire em tomo do Sol. Mas eu vou arranjar as provas, vou provar a todos, de Dona Sarti ao Papa. Meu único medo é que não me queiram na corte.

VIRGÍNIA — Querem, sim, meu pai, com as estrelas novas e tudo.

GALILEU — Vai para a missa.
Virginia sai.

GALILEU — Eu raramente escrevo a grandes personagens. *Passa uma carta a Sagredo.* Você acha que a carta está bem?

SAGREDO — *lé em voz alta o fim da carta que Galileu lhe entregou*
— “Pois a nada aspiro tanto como estar mais próximo de vós, do sol nascente que iluminará o nosso tempo” — O Grão-Duque de Florença tem nove anos de idade.

GALILEU — É isso. Eu estou vendo que você achou a carta servil. Eu me pergunto se ela não devia ser mais servil ainda, se não está muito formal, como se me faltasse a dedicação autêntica. Uma carta comedida pode escrever quem confirma Aristóteles, quem tenha esse mérito; eu não posso. Um homem como eu só de cara no chão chega a uma posição passavelmente digna. E você sabe que eu desprezo pessoas que não têm o cérebro necessário para encher a barriga.

Dona Sarti e Virginia passam pelos dois, vão à missa.

SAGREDO — Galileu, não vá para Florença.

GALILEU — Por que não?

SAGREDO — Porque lá os padres mandam.

GALILEU — Na corte de Florença há sábios de grande reputação.

SAGREDO — Laciaios.

GALILEU — Pois eu vou pegá-los pela cabeça e botar o olho deles no telescópio. Também os padres são gente, Sagredo. Também eles sucumbem à sedução das provas. Copémico, não esqueça disso, queria que eles acreditassem no cálculo dele. Eu, eu quero apenas que eles acreditem nos próprios olhos. Quando a verdade é fraca demais para se defender, ela precisa passar à ofensiva. Eu vou pegá-los pela cabeça e vouforçá-los a olhar por esse telescópio.

SAGREDO — Galileu, vejo você num caminho terrível. É uma noite desgraçada a noite em que o homem vê a verdade. É de cegueira o momento em que ele acredita na razão da espécie humana. Quando dizemos que alguém caminha lucidamente? Quando se trata de alguém que caminha para a desgraça. Os poderosos não podem deixar solto alguém que saiba a verdade, mesmo que seja sobre as estrelas mais distantes! Você acha que o Papa vai ouvir a sua verdade, quando você disser que ele errou, e que não vão ouvir que ele errou? Você acha simplesmente que ele abre o diário e escreve uma nota: 10 de janeiro de 1610—aboliu-se o céu? Você não entende? Sair da República, com a verdade no bolso, para entrar na ratoeira dos padres e dos príncipes, de telescópio na mão! Dentro da sua ciência você é desconfiado, mas quanto às circunstâncias que possam favorecer o exercício dela você é crédulo como uma criança. Você não acredita em Aristóteles, mas acredita no Grão-Duque de Florença. Ainda há pouco eu o olhava quando você olhava as novas estrelas pelo telescópio, mas o que eu via era você de pé, sobre um monte de lenha. E quando você disse que acredita em provas, eu senti o cheiro de carne queimada. Eu amo a ciência, porém mais a você, meu amigo. Não vá para Florença, Galileu!

GALILEU — Se eles me aceitarem, vou.

A última página da carta aparece sobre uma cortina.

“Se dei o nome egrégio da casa de Mediei às novas estrelas que descobri, não me escapara que deuses e heróis conquistam o céu estrelado para fixar a própria glória, enquanto aqui, bem ao contrário, o egrégio nome da casa de Mediei irá garantir vida imortal às estrelas. Eu, entretanto, que reputo grande honra ter nascido súdito de Vossa Alteza, me recomendo como um de vossos servidores mais fiéis e dedicados. Pois a nada aspiro

tanto como estar mais próximo de vós, do sol nascente que iluminará o nosso tempo.

Galileu Galilei.”

4

GALILEU TROCOU A REPÚBLICA DE VENEZA PELA CORTE FLORENTINA, CUJOS SÁBIOS NÃO DÃO CRÉDITO ÀS SUAS DESCOBERTAS FEITAS PELO TELESCÓPIO

O que é velho diz: fui, sou, serei assim.

O que é novo diz: caia fora o que é ruim.

Casa de Galileu em Florença. Dona Sarti arruma o quarto de estudos de Galileu para a chegada dos estudantes. O seu filho Andréa, sentado, arruma os mapas estelares.

DONA SARTI — Desde que chegamos a esta decantada Florença os salamaleques e a puxação não param mais. A cidade inteira desfila diante desse canudo, e quem limpa o chão depois sou eu. E não vai adiantar nada! Se essas descobertas prestassem, os padres seriam os primeiros a reconhecer. Eu passei quatro anos trabalhando em casa de monsenhor Filippo, e não acabei de limpar a biblioteca dele toda. Eram livros de couro até o teto, livros que não eram de poesia! O bom monsenhor tinha um quilo de hemorróidas, de tanto ficar sentado por causa da ciência, e um homem assim não havia de saber? E essa grande visita de hoje vai ser um fiasco, de modo que amanhã, para variar, não tenho coragem de olhar o leiteiro na cara. Eu é que estava certa quando disse que ele devia preparar um bom jantar, oferecer um bom pedaço de carneiro, antes de mostrar o telescópio. Mas não! *Ela imita Galileu* — “O que eu vou mostrar a eles é melhor.”

Batem à porta, embaixo.

DONA SARTI *olha pela fresta da janela* — Meu Deus, o grão-duque já chegou. E Galileu ainda está na universidade!

Desce a escada correndo, efáz entrar o Grão-Duque de Toscana,

Cosmo de Mediei, seguido pelo mestre-sala e por duas damas de companhia.

COSMO — Eu quero ver o telescópio.

O MESTRE-SALA — Vossa Alteza há de ter paciência, até que o senhor Galileu volte da universidade com os outros senhores. *Voltando-separa Dona Sarti*.—O senhor Galileu quer que os astrônomos examinem as estrelas que ele descobriu e batizou de “Medicéias”.

COSMO — Eles não acreditam no telescópio nem um pouco. Onde é que está?

DONA SARTI — Lá em cima, no quarto de estudo.

O menino balança a cabeça, olha a escada e, quando Dona Sarti faz que sim, sobe correndo.

O MESTRE-SALA *um homem muito velho*—Alteza! *Volta-separa Dona Sarti* — A senhora acha necessário subir? Eu estou aqui só porque o preceptor está de cama.

DONA SARTI—Deixe, não vai acontecer nada ao jovem senhor. O meu menino está lá em cima.

COSMO *entrando* — Boa-noite.

Os meninos se inclinam cerimoniosamente. Pausa. Andrea volta ao seu trabalho.

ANDREA *muito semelhante ao seuprefessor*— Isto aqui parece a casa da sogra.

COSMO — Muita visita?

ANDREA — Mexem em tudo, arregalam o olho e não pescam nada.

COSMO — Eu entendo. É esse o ...1 *Apona para o telescópio.*

ANDREA — É, é esse. Mas não é para botar o dedo.

COSMO — E isso, o que é? *Apona para o modelo do sistema de Ptolomeu.*

ANDREA — Esse é o ptolomaico.

COSMO — Ele mostra o movimento do Sol, não é?

ANDREA — É O que dizem.

COSMO *senta-se numa cadeira e põe o modelo sobre as pernas* — Hoje eu saí mais cedo porque o meu professor está resfriado. É gostoso este lugar.

ANDREA *andando para baixo e para cima, inquieto e incerto, examina o outro menino com olhar desconfiado; finalmente, incapaz de resistir à tentação, pesca um modelo copernicano que está detrás dos mapas* — Mas na verdade é assim.

COSMO — O que é assim?

ANDREA *apontando o modelo nas mãos de Cosmo* — Dizem que é assim, mas — *apontando para o seu* — é assim é que é. A Terra gira em tomo do Sol, o senhor compreende?

COSMO — Você acha mesmo?

ANDREA — Está provado.

COSMO — Não diga. Eu quero saber por que não me deixam mais ver o velho. Ontem ele ainda apareceu para o jantar.

ANDREA — O senhor parece que não acredita, hein?

COSMO — Como não? Acredito sim.

ANDREA *indicando subitamente o modelo sobre os joelhos de Cosmo* — Dê cá, nem esse você entende!

COSMO — Mas você não precisa dos dois.

ANDREA — Dê cá, isso não é brincadeira pra criança.

COSMO — Eu devolvo, mas você devia ser um pouco mais educado, sabe?

ANDREA — “Educado, educado”, você é um bobo, e dê cá, senão vai ter.

COSMO — Tire a mão, viu?
Começam a brigar e logo rolam no chão.

ANDREA — Você vai ver como se trata um modelo. Pede água!

COSMO — Partiu no meio. Você está me torcendo a mão.

ANDREA — Você vai ver quem tem razão e quem não tem. Diz que ele gira, senão eu bato!

COSMO — Não digo. Ai, seu estúpido! Você vai aprender a ser bem-educado.

ANDREA — Estúpido? Quem é estúpido?
Lutam silenciosamente. Embaixo, entram Galileu e alguns professores da universidade; atrás deles, Federzoni.

O MESTRE-SALA — Meus senhores, um leve mal-estar impediu o preceptor de Sua Alteza, senhor Suri, de acompanhar Sua Alteza até aqui.

O TEÓLOGO — Eu espero que não seja grave.

O MESTRE-SALA — Não é grave.

GALILEU *desapontado* — Sua Alteza não veio?

O MESTRE-SALA — Sua Alteza subiu. Não se prendam, senhores. A corte está ansiosíssima, esperando a opinião da ilustre universidade a respeito do extraordinário instrumento do senhor Galileu e das suas maravilhosas estrelas novas.

Sobem. Os meninos, caídos no chão, ficam quietos. Ouviram o barulho.

COSMO — Chegaram. Deixe eu levantar.

Levantam depressa.

OS SENHORES *enquanto sobem* — Não, não, está tudo perfeitamente bem.—A epidemia na cidade velha não é de peste, a Faculdade de Medicina excluiu essa hipótese. Com o frio que está fazendo, os miasmas não resistiriam. — O pior desses casos é sempre o pânico.—Não há nada além de resfriados, que são comuns nesta estação do ano.—Não há dúvida possível.—Tudo perfeitamente bem.

Saudações no primeiro andar.

GALILEU.—Alteza, tenho a felicidade de trazer novas à vossa presença e aos senhores de vossa universidade.

Cosmo faz curvaturas muito formais para todos os lados, também para Andrea.

O TEÓLOGO *vendo no chão o modelo ptolomaico partido* — Parece que aqui há alguma coisa quebrada.

Cosmo abaixa-se rapidamente e apanha o modelo, que entrega a Andrea com gesto cortês. Enquanto isso, disfarçando, Galileu dá sumiço no outro modelo.

GALILEU *junto ao telescópio* — Como Vossa Alteza certamente sabe, já faz algum tempo que nós, astrônomos, encontramos grandes dificuldades em nossos cálculos. Nós nos baseamos num sistema muito antigo, que está de acordo com a filosofia, mas infelizmente não parece estar de acordo com os fatos. Segundo esse velho sistema, o ptolomaico, supõe-se que o movimento das estrelas seja muito complicado. O planeta Vênus, por exemplo, descreve um movimento, do tipo seguinte. *Galileu desenha num quadro o trajeto epicíclico de Vênus, de acordo com a suposição ptolomaica.* Mas, mesmo admitindo esses movimentos complicados, não somos capazes de calcular com precisão a posição futura das estrelas. Não as encontramos no lugar em que deveriam estar. E, além disso, há movimentos no céu para os quais o sistema ptolomaico não tem explicação alguma. Parece-me que algumas estrelas pequenas, descobertas por mim, descrevem esse tipo de movimento à volta do planeta Júpiter. Se os senhores estiverem de acordo, poderíamos começar examinando os satélites de

Júpiter, as estrelas Medicéias.

ANDREA *indicando a banqueta diante do telescópio*—É favor sentar aqui.

O FILÓSOFO — Muito obrigado, meu filho. Mas eu receio que isso tudo não seja tão simples. Senhor Galileu, antes de aplicarmos o seu famoso telescópio, gostaríamos de ter o prazer de uma disputa. Assunto: É possível que tais planetas existam?

O MATEMÁTICO — Uma disputa formal.

GALILEU — Eu achava mais simples os senhores olharem pelo telescópio para terem certeza.

ANDREA — Aqui, por favor.

O MATEMÁTICO—Claro, claro. O senhor naturalmente sabe que segundo a concepção dos antigos não é possível uma estrela que gire em volta de um centro que não seja a Terra, assim como não é possível uma estrela sem suporte no céu?

GAULEU — Sei.

O FILÓSOFO—E mesmo sem considerar a possibilidade de tais estrelas, que ao nosso matemático — *faz uma mesura em sua direção* — parece duvidosa, eu gostaria de perguntar com toda a modéstia e como filósofo: seriam necessárias tais estrelas? *Aristotelis divini universum...*

GALILEU — Se for possível, eu preferia que continuássemos na língua comum. O meu colega, o senhor Federzoni, não entende o latim.

O FILÓSOFO — É importante que ele nos entenda?

GALILEU — É.

O FILÓSOFO—O senhor me perdoe, pensei que ele fosse operário, um polidor de lentes.

ANDREA — O senhor Federzoni é polidor de lentes e é um estudioso.

O FILÓSOFO — Obrigado, meu filho. Se o senhor Federzoni insiste.

GALILEU — Sou eu quem insiste.

O FILÓSOFO — O argumento perderá em brilho, mas a casa é sua. O universo do divino Aristóteles, com as suas esferas misticamente musicais e as suas abóbadas de cristal e os movimentos circulares de seus corpos e o ângulo oblíquo do trajeto solar e os mistérios da tabela dos satélites e a riqueza estelar do catálogo da calota austral e a arquitetura iluminada do globo celeste, forma uma construção de tal ordem e beleza, que deveríamos hesitar muito antes de perturbar essa harmonia.

GALILEU — Vossa Alteza não quer ver as impossíveis e desnecessárias estrelas através deste telescópio?

O MATEMÁTICO — Não seria o caso de dizer que é duvidoso um telescópio no qual se vê o que não pode existir?

GALILEU — O que o senhor quer dizer?

O MATEMÁTICO — Seria tão mais proveitoso, senhor Galileu, se o senhor nos desse as suas razões, as razões que o movem quando supõe que na esfera mais alta do céu imutável as estrelas possam mover-se e flutuar livremente.

O FILÓSOFO — Razões, senhor Galileu, razões!

GALILEU — As razões? Mas se os olhos e as minhas anotações mostram o fenômeno? Meu senhor, a disputa está perdendo o sentido.

O MATEMÁTICO — Se houvesse a certeza de que o senhor não se irritaria mais ainda, seria possível dizer que o que está no seu tubo e o que está no céu são coisas diferentes.

O FILÓSOFO — É impossível exprimir esse pensamento de maneira mais cortês.

FEDERZONI — O senhor acha que as estrelas Medicéias estão pintadas nas lentes?

GALILEU — O senhor está me acusando de fraude?

O FILÓSOFO — Mas de maneira alguma! Em presença de Sua Alteza

O MATEMÁTICO — O seu instrumento, não sei se o chamo de seu filho, ou de filho adotivo, é extremamente engenhoso, quanto a isso não há dúvida!

O FILÓSOFO — E estamos inteiramente convencidos, senhor Galileu, de que nem o senhor nem ninguém ousaria dar o nome egrégio da casa reinante a uma estrela cuja existência não estivesse acima de qualquer dúvida.

Todos se inclinam profundamente diante do Grão-Duque.

COSMO *pergunta às damas de companhia* — Aconteceu alguma coisa com as minhas estrelas?

AMais VELHADAS DAMAS *ao grão-duque* — Não aconteceu nada às estrelas de Vossa Alteza. O que estes senhores querem saber é se elas existem, se elas existem de fato.

Pausa.

AMais JOVEM — Dizem que esse instrumento mostra até os dentes da Ursa Maior.

FEDERZONI — Mostra também as partes do Touro.

GALILEU — Meus senhores, vamos ou não vamos olhar?

O FILÓSOFO — Claro, claro.

O MATEMÁTICO — Claro.

Pausa. De repente, Andrea faz meia-volta e a passo rígido atravessa o quarto inteiro para sair. Dá de encontro com a mãe, que o segura.

DONA SARTI — O que foi?

ANDREA — Eles são burros. *Livra o braço e sai correndo.*

O FILÓSOFO — Pobre criança.

O MESTRE-SALA — Alteza, meus senhores, peço recordar que em menos de uma hora terá início o baile da corte.

O MATEMÁTICO — Enfim, que adianta estar sobre ovos? Mais cedo ou mais tarde, o senhor Galileu se habituará aos fatos. A esfera de cristal seria furada pelos planetas de Júpiter. É simplíssimo.

FEDERZONI — O senhor não vai acreditar, mas não existem as esferas de cristal.

O FILÓSOFO — Existem, qualquer manual ensina isso, meu rapaz.

FEDERZONI — Nesse caso, é preciso escrever manuais novos.

O FILÓSOFO — Alteza, o meu ilustre colega e eu nos apoiamos em nada menos que a autoridade do divino Aristóteles ele mesmo.

GALILEU *quase submisso* — Meus senhores, a fé na autoridade de Aristóteles é uma coisa, e os fatos, que são tangíveis, são outra. Os senhores dizem que segundo Aristóteles há esferas de cristal lá no alto; que, portanto, há movimentos que não são possíveis, porque as estrelas seriam obrigadas a quebrar as esferas. Mas e se os senhores puderem constatar esses movimentos? Isso não indicaria aos senhores que essas esferas de cristal não existem? Meus senhores, eu lhes peço com toda a humildade que acreditem nos seus olhos.

O MATEMÁTICO — Meu caro Galileu, por mais antiquado que pareça ao senhor, eu ainda tenho o hábito de ler Aristóteles, e lhe garanto que acredito nos meus olhos quando leio.

GALILEU — Eu me acostumei a ver como os senhores de todas as faculdades fecham os olhos a todos os fatos, fazendo de conta que não houve nada. Eu mostro as minhas observações e eles sorriem, eu ofereço o meu telescópio para que vejam, e eles citam Aristóteles.

FEDERZONI — Aristóteles não tinha telescópio!

O MATEMÁTICO — É claro que não, é claro que não.

O FILÓSOFO *enfático* — Se a intenção aqui é de sujar Aristóteles, uma autoridade aceita não só pela totalidade da ciência antiga como também pelos grandes padres da Igreja, quer me parecer supérfluo prosseguir nesta discussão. Eu recuso discussões que não tenham objetivo concreto. Para mim, chega.

GALILEU — A verdade é filha do tempo e não da autoridade. A nossa ignorância é infinita, vamos reduzi-la de um centímetro! De que vale sertão esperto agora, agora que finalmente poderíamos ser ao menos um pouco menos estúpidos! Eu tive a felicidade inimaginável de encontrar um instrumento novo, que permite examinar mais de perto, não muito, uma franja do universo. Os senhores deveriam aproveitar.

O FILÓSOFO — Alteza, minhas senhoras e meus senhores, o que eu me pergunto é aonde iremos chegar.

GALILEU — Pelo que eu entendo, como cientistas não temos que perguntar aonde a verdade nos leva.

O FILÓSOFO *furioso* — A verdade, senhor Galileu, pode levar a muitas partes!

GALILEU — Alteza! Nestas noites, na Itália inteira, há telescópios voltados para o céu. As luas de Júpiter não barateiam o leite. Mas nunca foram vistas, e agora existem. O homem da rua conclui que poderiam existir muitas outras coisas também, se ele olhasse melhor. Vossa Alteza deve confirmá-lo! Se a Itália está atenta, não é por causa do movimento de algumas estrelas distantes, mas pela notícia de que as doutrinas ditas inabaláveis estão abaladas, e qualquer um sabe que o número delas é grande demais. Meus senhores, não vamos defender doutrinas abaladas!

FEDERZONI — São os professores que deveriam derrubá-las.

O FILÓSOFO — Eu preferia que o seu ajudante não desse conselhos numa disputa científica.

GALILEU—Alteza! O meu ofício no Grande Arsenal de Veneza fazia que eu diariamente estivesse com desenhistas, construtores e ferramenteiros. Não foi pouca coisa o que aprendi com essa gente. Eles não têm leitura e confiam no testemunho de seus cinco sentidos; o testemunho os leve para onde for, geralmente eles não têm medo.

O FILÓSOFO — Oh, oh!

GALILEU — Como os nossos marinheiros, que há cem anos deixavam as nossas costas sem saber a que costas chegariam, se é que existiam outras costas. Parece que hoje, para encontrar a sublime curiosidade que fez a glória verdadeira da velha Grécia, só indo aos estaleiros.

O FILÓSOFO — Por tudo o que ouvimos aqui, eu não tenho dúvida de que o senhor Galileu vai fazer admiradores no estaleiro.

O MESTRE-SALA—Alteza, estou desolado, mas esta conversação extraordinariamente instrutiva se estendeu um pouco demais. Sua Alteza precisa repousar um pouco antes do baile da corte.

A um sinal seu, o grão-áduque se inclina diante de Galileu. O séquito se prepara rapidamente para partir.

DONA SARTI *barra o caminho do grão-duque e oferece um prato de doces*— Uma rosquinha, Alteza?

A mais velha das damas de companhia leva o grão-duque para fora.

GALILEU *correndo atrás deles* — Mas bastava que os senhores olhassem pelo instrumento!

O MESTRE-SALA—Sua Alteza não deixará de submeter essas afirmações à consideração de nosso maior astrônomo vivo, o Padre Cristóvão Clávio, astrônomo-chefe do Colégio Papal, em Roma.

5

NEM A PESTE INTIMIDA GALILEU, QUE PROSEGUE EM SUAS PESQUISAS

a

Quarto de estudos de Galileu, em Florença. É madrugada. Galileu, com as suas anotações, olha pelo telescópio. Entra Virginia, com uma bolsa de viagem.

GALILEU — Virginia! Aconteceu alguma coisa?

VIRGÍNIA — O convento fechou, tivemos que voltar correndo. Em Arcetri apareceram cinco casos de peste.

GALILEU *chama* — Sarti!

VIRGÍNIA—A rua do Mercado foi trancada esta noite. Na Cidade Velha dizem que há dois mortos, e três doentes estão morrendo no hospital.

GALILEU — Para variar esconderam tudo, até não ter mais jeito.

DONA SARTI *entrando* — O que você está fazendo aqui?

VIRGÍNIA — É a peste.

DONA SARTI — Meu Deus! Vou arrumar as coisas. *Senta-se.*

GALILEU — A senhora não vai arrumar nada. Pegue Virginia e Andrea! Eu vou buscar as minhas anotações.

Vai apressado até a sua mesa e cata ospapéis desordenadamente. Dona Sarti veste um capote em Andrea, que chegou correndo, e arranja um pouco de comida e roupa de cama. Entra um lacaios da corte.

O LACAIO — Por motivo da doença que reina, Sua Alteza abandonou a cidade em direção a Bolonha. Insistiu, entretanto, que também o senhor Galileu tivesse oportunidade de salvar-se. A caleça estará diante da porta em dois minutos.

DONA SARTI *a Virgínia e a Andrea*—Vocês saiam já. Aqui, levem isso aqui.

ANDREA — Mas por quê? Se você não disser por quê, eu não vou.

DONA SARTI — É a peste, meu filho.

VIRGÍNIA — Vamos esperar o meu pai.

DONA SARTI — Seu Galileu, o senhor está pronto?

GALILEU *embrulhando o telescópio na toalha de mesa* — Ponha Virgínia e Andrea na caleça. Eu vou num minuto.

VIRGÍNIA—Não senhor, sem você nós não vamos. Você não vai acabar nunca, se for embrulhar os seus livros.

DONA SARTI — O carro está aí.

GALILEU—Virgínia, seja razoável. Se vocês não andam logo o cocheiro vai embora. A peste não é brincadeira.

VIRGÍNIA *protestando, enquanto Dona Sarti a leva para fora com Andrea* — A senhora ajude a carregar os livros, senão ele não vem.

DONA SARTI *chama da porta* — Seu Galileu! O cocheiro diz que não espera.

GALILEU — Dona Sarti, para mim talvez não seja o caso. Está tudo em desordem, a senhora sabe, observações de três meses, que vão para o lixo se eu não as continuar por mais uma ou duas noites. E a epidemia está em toda parte.

DONA SARTI — Seu Galileu! Venha já comigo! Você está maluco.

GALILEU—A senhora precisa ir com Virgínia e Andrea. Eu vou depois.

DONA SARTI — Daqui a uma hora não sai mais ninguém daqui. Você precisa vir! *Ouve.* Ele está saindo! Eu vou segurá-lo. *Sai.*

Galileu anda para baixo e para cima. Dona Sarti volta muito pálida, sem a trouxa.

GALILEU — O que a senhora está esperando? A senhora quer perder o carro com as crianças?

DONA SARTI — Já foram. Precisaram segurar Virgínia. Em Bolonha cuidam das crianças. Mas quem daria de comer ao senhor?

GALILEU — Você está maluca. Ficar na cidade para cozinhar!... Segura nas mãos os seus mapas. A senhora, Dona Sarti, não pense que estou doido. Eu não posso abandonar essas observações. Tenho inimigos poderosos e preciso acumular provas para certas afirmações.

DONA SARTI — O senhor não precisa se desculpar. Mas razoável não é.

b

Diante da casa de Galileu, em Florença. Galileu sai à porta e olha para a rua. Passam duas freiras.

GALILEU *dirige-se a elas* — As irmãs sabem me dizer onde compro leite? Hoje cedo a mulher do leite não veio, e minha governanta desapareceu.

UMA FREIRA — Mercearia aberta, agora, só na cidade baixa.

OUTRA FREIRA — O senhor saiu daí de dentro? Galileu faz que sim. Essa é aquela rua!

A duas Freiras fazem o sinal da cruz, murmuram uma ave-maria e fogem. Passa um homem.

GALILEU *dirige-se a ele* —O senhor não é o padeiro aqui de casa? o homem confirma. O senhor viu minha governanta? Ela deve ter saído ontem à noite, hoje cedo ela não estava mais.

O homem sacode a cabeça.

Em frente, abre-se uma janela e aparece uma mulher.

A MULHER, gr/tenifo — Corra, que essa casa está empestada!

GALILEU — A senhora sabe alguma coisa de minha governanta?

AMULHER—Asua governanta caiu prostrada, lánofimdarua. Ela devia estar sabendo. Foi por isso que saiu. Que descaso pelo semelhante! *Bate a janela violentamente.*

Crianças descem a rua. Quando vêem Galileu, fogem gritando. Galileu se volta, e aparecem dois soldados inteiramente encouraçados.

OS SOLDADOS — Volte para dentro de casa! *Usam lanças longas que empurram Galileu para dentro da casa. Atravancam a porta atrás dele.*

GALILEU *na janela* — Vocês sabem dizer o que aconteceu com a mulher?

OS SOLDADOS — Vai tudo para o confinamento.

A MULHER *reaparece na janela* — A rua inteira, aí para baixo, está empestada. Por que vocês não trancam?

Os soldados fecham a rua com uma corda.

A MULHER — Mas não assim, vocês estão fechando a minha casa! Não fechem, aqui não há ninguém doente! Parem! Parem! Mas vocês não estão vendo? Meu marido está na cidade, ele não vai poder entrar! Seus animais!

Ouvem-se os seus soluços e gritos dentro da casa. Os soldados saem. Noutra janela aparece uma velha.

GALILEU — Alguma coisa deve estar queimando lá para trás.

A VELHA—Quando há alarme de peste, eles não apagam mais o fogo. Só pensam na peste.

GATILHO — Tal pai, tal filho! É o sistema de governo deles. Eles cortam a gente como se fôssemos o galho doente de uma figueira que não dá mais fruto.

A VELHA — O senhor é injusto. O que é que eles vão fazer?

GALILEU — A senhora está sozinha?

A VELHA—Estou. Meu filho me mandou um recado. GraçasaDeus, ele soube ontem à noite que havia gente morrendo na rua e não voltou mais para casa. Essa noite, foram onze casas aqui no bairro.

GALILEU — Estou com remorso de não ter mandado embora a minha governanta a tempo. Eu tinha um trabalho urgente, mas ela não tinha razão para ficar.

A VELHA—É, nós não podemos ir embora. Com quem nós íamos ficar? O senhor não precisa ter remorso. Ela saiu hoje cedo, às sete, eu vi. Ela estava doente, tanto que fez uma volta grande quando me viu na porta, apanhando o pão. Acho que ela não queria que fechassem a sua casa. Mas eles acabam descobrindo.

Ouve-se um ruído de matracas.

GALILEU — Que é isso?

A VELHA — Eles estão fazendo barulho para ver se afugentam os miasmas da peste.

Galileu dá uma gargalhada.

A VELHA — O senhor ainda é capaz de rir!

Um homem vem descendo a rua e percebe, pela corda, que a rua está fechada.

GALILEU—Olá, amigo! Eu estou trancando aqui, e não há o que comer. *O homem já fugiu.*

GALILEU — Mas vocês não podem deixar a gente morrer de fome! Ei! Ei!

A VELHA — Quem sabe eles trazem alguma coisa. Senão, o senhor espere até a noite que eu deixo um jarro de leite na sua porta, se o senhor não tiver medo.

GALILEU — Ei! Ei! Mas eles têm que ouvir!
De repente aparece Andrea ao pé da corda, com a cara chorosa.

GALILEU — Andrea! Como é que você está aqui?

ANDREA — Eu já estive aqui de manhã. Eu bati na porta, mas o senhor não abriu. Me disseram que...

GALILEU — Mas você não foi embora na caleça?

ANDREA — Fui. Mas eu fugi no caminho. Virginia continuou. Eu não posso entrar?

A VELHA — Não, não pode. Você vai para o convento das ursulinas. Talvez a sua mãe também esteja lá.

ANDREA—Eu já fui. Mas não cheguei perto dela, não deixaram. Ela está muito doente.

GALILEU — Você andou tudo isso? Faz três dias que você viajou.

ANDREA—Eu levei muito tempo, não fique bravo comigo. Da primeira vez eles me pegaram.

GALILEU *desamparado* — Agora não chore mais. Descobri várias coisas nesses dias. Você quer que eu conte? *Andrea faz que sim, soluçando.* Preste atenção, senão você não entende. Você lembra que eu lhe mostrei o planeta Vênus? Não preste atenção no barulho, isso não é nada. Você lembra? Você sabe o que eu descobri? Ele é como a Lua! Ele aparece como crescente e como hemisfério, eu vi. O que você acha disso? Eu lhe mostro tudo, com uma esfera e uma luz. Isso prova que também esse planeta não tem luz própria. Ele descreve um círculo simples em volta do Sol, não é extraordinário?

ANDREA *soluçando* — Não há dúvida, isso é um fato.

GALILEU *baixo* — Eu não pedi que ela ficasse.
Andrea se cala.

GALILEU — Mas é claro que, se eu não tivesse ficado, isso não teria acontecido.

ANDREA — Agora eles vão ser obrigados a acreditar no senhor?

GALILEU — Agora eu reuni todas as provas. Sabe, quando passar isso aqui, vou para Roma, e daí eles vão ver.

Dois homens, inteiramente encapotados, descem a rua. Trazem baldes e longas varas. Com as varas, entregam pão a Galileu e à velha, que estão na janela.

A VELHA—Lá do outro lado tem uma mulher com três crianças. Levem qualquer coisa até lá.

GALILEU—Mas eu não tenho o que beber. A casa está sem água. *Os dois dão de ombros.* Vocês voltam amanhã?

Um DOS HOMENS *com voz abafada pelo pano que traz sobre a boca* — Hoje ninguém sabe o que será amanhã.

GALILEU — Se vocês voltarem, será que me passam também um livrinho que eu preciso para o meu trabalho?

O HOMEM *com um riso surdo*—Que diferença faz um livro numa hora dessas! Esse pão já é muita sorte.

GALILEU—O menino ali, o meu aluno, vai trazer o livro, de modo que é só me passar. Andrea, é a tabela da rotação de Mercúrio, que eu perdi. Você vai à escola e pega para mim?

Os dois homens já passaram adiante.

ANDREA — Pego, seu Galileu. Eu vou buscar. *Sai.*
Também Galileu desaparece. A Velha sai da casa em frente e deixa um jarro à porta de Galileu.

6

1616: O COLLEGIUM ROMANUM, INSTITUTO DE PESQUISA DO VATICANO, CONFIRMA AS DESCOBERTAS DE GALILEU

Viu-se o que é raro se ver:
Um professor que quer aprender.
Clávio, servo de Deus, deu
Razão a Galileu.

Salão do Collegium Romanum, em Roma. É noite. Altos prelados, monges e estudiosos, formando grupos. Galileu fica à parte, sozinho. Reina grande animação. Antes do começo da cena, ouvem-se gargalhadas.

UM PRELADO GORDO *segurando a barriga de tanto rir* — Burrice! Ó burrice! Eu queria saber em que é que as criaturas *não* acreditam!

UM ESTUDIOSO — Por exemplo, em que Monsenhor sintia uma repugnância invencível pela boa mesa.

O PRELADO GORDO — Acreditam, acreditam. Só não acreditam no que é razoável. Duvidam que exista o Diabo. Mas que a Terra role como um seixo na sarjeta, isso eles acreditam. *Sancta simplicitas!*

UM MONGE *fazendo de conta* — Ui, a Terra está virando muito, estou tonto. O senhor permite que me segure no senhor, professor? *Faz como se vacilasse e se dependura num erudito.*

O ERUDITO *entrando no jogo* — A terrinha amiga hoje está inteiramente bêbada. *Dependura-se num terceiro.*

O MONGE — Segurem, segurem! Nós vamos cair do estribo! Eu estou dizendo para segurar!

O SEGUNDO ESTUDIOSO — Vênus já está toda torta. Socorro! Metade da bunda dela já desapareceu!

Forma-se um bolo de padres que, entre gargalhadas, fazem como quem se agarra ao barco em meio da tempestade.

UM SEGUNDO MONGE — Tomara que eu não caia em cima da Lua! Meus irmãos, dizem que as montanhas lunares são horripelantemente pontudas!

O PRIMEIRO ESTUDIOSO — Firme o pé no chão e agüente.

O PRIMEIRO MONGE — E não olhem para baixo. Eu sofro de tontura.

O PRELADO GORDO *«propositalmente em direção a Galileu* — Não é possível, um tonto no Collegium Romanum!
Grandes risadas. Pela porta de trás, entram dois astrônomos do Collegium. Silêncio.

UM MONGE — Vocês ainda estão estudando o caso? Isso é um escândalo!

UM DOS ASTRÔNOMOS *furioso* — Nós, não!

O SEGUNDO ASTRÔNOMO — Aonde vamos parar? Eu não entendo Clávio... Se fôssemos acreditar em tudo que se disse nestes últimos cinquenta anos! No ano de 1572, na esfera mais alta, na oitava, na esfera das estrelas fixas, apareceu uma estrela nova, possivelmente mais radiosa e maior que as suas vizinhas. Passa-se um ano e meio, ela desaparece, e não resta nada. É razão para duvidar da duração eterna do céu imutável?

O FILÓSOFO — Se nós afrouxamos, eles ainda põem abaixo o nosso céu estrelado.

O PRIMEIRO ASTRÔNOMO — Aonde viemos parar! Cinco anos mais tarde, o dinamarquês Tycho Brahe definiu a órbita de um cometa. Começava em cima da Lua, e furava, uma a uma, as esferas de cristal, os suportes materiais do movimento dos corpos celestes! O cometa não encontra resistência, nem a sua luz é desviada. Será razão para duvidar das esferas?

O FILÓSOFO — Está fora de questão. Como pode Cristóvão Clávio, o maior astrônomo da Itália e da Igreja, levar a sério uma coisa dessas?

- O PRELADO GORDO — Um escândalo!
- O PRIMEIRO ASTRÔNOMO — Não pode, mas leva! Ele entrou lá dentro e não tira o olho daquele tubo do inferno!
- O Segundo ASTRÔNOMO—*Principiis obsta!*Tudo começou porque numa porção de cálculos — a duração do ano solar, a data dos eclipses do Sol e da Lua, a posição dos corpos celestes — nós temos utilizado as tabelas de Copérnico, que é um herege.
- UM MONGE — Eu pergunto o que é melhor: ver o eclipse da Lua com três dias de atraso ou não ver a salvação eterna jamais!
- UM MONGE MUITO MAGRO *avança com uma Bíblia aberta, apontando o dedo fanaticamente para uma passagem* — A Escritura o que diz? “Sol, pára quieto sobre Gibeão; e tu, Lua, sobre o vale de Ajalão.” Como pode o Sol parar quieto, se ele não se move, conforme afirmam esses hereges? Será mentira da Escritura?
- O PRIMEIRO ASTRÔNOMO — Não, e é por isso que nós vamos embora.
- O SEGUNDO ASTRÔNOMO — *Existem* fenômenos que embaraçam a astronomia; mas será necessário que o homem compreenda tudo?
- Os dois saem.*
- O MONGE MUITO GORDO — A pátria do gênero humano, para eles, não difere de uma estrela errante. O homem, os bichos, as plantas e o reino mineral, tudo eles enfiam na mesma carroça, tocada em círculos pelos céus vazios. Terra e céu, para eles, não existem mais. A Terra, porque é uma estrela do céu, e o céu, porque é composto de Terras. Não há mais diferença entre o alto e o baixo, entre o eterno e o perecível. Que nós perecemos, sabemos bem. Mas o que eles dizem é que também o céu perece. O Sol, a Lua, as estrelas e nós, todos vivemos sobre a Terra, é o que sempre se disse, e é o que está escrito; mas, de acordo com esses aí, também a Terra é uma estrela. Só existem estrelas! Ainda virá o dia em que eles dirão: nem homens nem animais existem, o próprio homem é um animal, só existem animais!

- O PRIMEIRO ESTUDIOSO *dirigindo-se a Galileu*—Uma coisa sua caiu no chão, senhor Galileu.
- GALILEU *que tirara o seu seixo do bolso e estivera brincando com ele, até que finalmente caísse, abaixa-se para levantá-lo* — Para cima, Monsenhor, caiu para cima.
- O PRELADO GORDO *faz meia volta* — Impudente.
Entra um Cardeal Muito Velho, sustentado por um Monge. Respeitosamente, os outros abrem alas.
- O CAJRDEAL Murro VELHO — Ainda estão lá dentro? Será que eles não sabem liquidar essas ninharias mais depressa? Eu suponho que esse tal Clávio entenda de astronomia! Dizem que o tal de Galileu transferiu o homem do centro do universo para algum lugar na periferia. Está claro, portanto, que ele é um inimigo da humanidade! E deve ser tratado de acordo. O homem é a coroa da criação, qualquer criança sabe disso, é a criatura mais sublime e querida de Deus. E Deus ia pegar uma tal obra-prima, um tal esforço, para botar numa estrelinha secundária, rolando por aí? Ele ia mandar seu filho para um lugar desses? Como pode haver gente perversa a ponto de acreditar nesses escravos da aritmética! Uma criatura de Deus tolera uma coisa dessas?
- O PRELADO GORDO *a meia voz* — O homem está aqui na sala.
- O CARDEAL MUITO VELHO *dirigindo-se a Galileu* — Ah, é o senhor? O senhor sabe, eu não estou mais enxergando bem, mas uma coisa eu sempre enxergo: o senhor e aquele homem que nós queimamos — como era o nome dele? —, os senhores se parecem muitíssimo.
- O MONGE — Vossa Eminência não deve se irritar. O médico...
- O CARDEAL MUITO VELHO *livra-se do Monge e fala a Galileu*—O senhor quer aviltar a Terra, embora viva nela e lhe deva tudo. O senhor está emporcalhando a sua própria habitação! Mas não pense que eu vou tolerar. *Empurra o Monge, e dá passadas orgulhosas para lá e para cá.* Eu não sou uma coisa qualquer, numa estrelinha qualquer, girando por aí, ninguém sabe até quan-

do. Eu piso em terra firme, com passo seguro, ela está em repouso, é o centro do universo, eu estou no centro, e o olho do Criador repousa em mim, somente em mim. Os astros e o Sol majestoso giram em torno de mim, fixados em oito esferas de cristal; foram criados para iluminar a minha cercania, e também para me iluminar a mim, para que Deus me veja. É visível, portanto, e irrefutável, que tudo depende de mim, o homem, o esforço de Deus, a criatura central, a imagem de Deus, imperecível e ... *Cai prostrado.*

O MONGE — Eminência, o esforço foi demasiado.

Nesse instante abre-se a porta dos fundos e entra o grande Clávio, à frente de seus astrônomos. Atravessa a sala rápida e silenciosamente, sem olhar para os lados, e já próximo da saída, sem deter-se, fala a um monge.

CLÁVIO — Ele está certo.

Sai, acompanhado pelos astrônomos; a porta fica aberta atrás deles. O silêncio é mortal. O Cardeal Muito Velho volta a si.

O CARDEAL MUITO VELHO — O que houve? Tomaram uma decisão?

Ninguém ousa lhe dar a notícia.

O Monge — Eminência, vamos acompanhá-lo a sua casa.

Sustentado por alguns, o velho sai. Todos abandonam a sala, transtornados. Um Pequeno Monge, da comissão de inquérito, pára quando passa por Galileu.

O PEQUENO MONGE *furtivamente* — Senhor Galileu, o Padre Clávio, quando saía, disse: “Agora é a vez dos teólogos, eles que dêem um jeito de recompor o céu!”. O senhor venceu. *Sai.*

Gai. ilf. it procura detê-lo — Ela é quem venceu! Não fui eu, foi a razão que venceu!

O Pequeno Monge já desapareceu. Também Galileu vai saindo. No limiar encontra um prelado de grande estatura, o Cardeal Inquisidor, acompanhado de um astrônomo. Galileu faz uma mesura; antes de sair, faz uma pergunta cochichada ao porteiro.

O PORTEIRO *responde também cochichando* — Sua Eminência o Cardeal Inquisidor.

O Astrônomo conduz o Cardeal Inquisidor até o telescópio.

7

MAS A INQUISIÇÃO PÕE A DOCTRINA DE COPÉRNICO NO ÍNDEX (5 DE MARÇO DE 1616)

Roma, a cardinalícia,
Da delícia e do bom vinho,
Festeja o sábio Galileu.
Faz-lhe um convite,
Dá-lhe um palpito... zinho.

Casa do Cardeal Bellarmino, em Roma. O baile já está em meio. No vestibulo, onde dois secretários eclesiásticos jogam xadrez e tomam notas sobre os convidados, Galileu é recebido com aplauso por um pequeno grupo de senhoras e senhores mascarados. Galileu vem acompanhado de Virginia e de seu noivo, Ludovico Marsili.

VIRGÍNIA — Eu não vou dançar com nenhum outro, Ludovico.

LUDOVICO — A alça do seu vestido está solta.

GALILEU —

“Tua veste em desalinho, Taís,
Não a recomponhas. Outro tumulto mais fundo
Respira nos meus e noutros olhos também.
As luzes e os murmúrios da sala lembram
Aos convivas a noite que murmura no parque.”

VIRGÍNIA — Veja o meu coração.

GALILEU *põe a mão no colo dela* — Está batendo.

VIRGÍNIA — Eu quero estar linda.

GATILHEI — É bom, senão eles voltam a duvidar que ela gira.

LUDOVICO — E de fato ela não gira. *Galileu ri.* Em Roma, só se fala no senhor. Desta noite em diante, falarão de sua filha.

GALILEU — Dizem que em Roma, na primavera, é fácil ser belo. Mesmo eu devo estar um Adónis, um pouco encorpado. *Aos Secretários.* — Fiquei de esperar o senhor cardeal aqui. *Ao casal* — Entrem, vão se divertir!

Antes de passarem ao salão, pelo fundo, Virginia volta correndo.

VIRGÍNIA — Pai, o cabeleireiro da Via Del Trionfo me atendeu assim que eu entrei; ele me passou na frente de quatro senhoras. Ele reconheceu o teu nome! *Sai.*

GALILEU *aos secretários que estão jogando xadrez* — Mas vocês ainda estão jogando xadrez pela regra velha? É muito limitado. Na regra nova, as peças correm o tabuleiro todo. A torre anda assim — *mostra* —, o bispo assim e a rainha assim e assim. É mais espaçoso e obriga a planificar.

O SECRETÁRIO — Pode ser, mas não corresponde à modéstia dos nossos salários. Os nossos saltos nunca passam disso — *faz um pequeno movimento.*

GALILEU — Pelo contrário, meu caro, pelo contrário! A melhor bota eles pagam a quem dá o maior passo. É preciso acompanhar os tempos, meus senhores. É preciso abandonar as costas, ir para alto-mar!

O Cardeal Muito Velho da cena anterior atravessa o palco, sustentado pelo seu monge. Percebe Galileu, passa por ele, e depois, incerto, volta-se para cumprimentá-lo. Galileu toma assento. Do salão de baile, cantado por meninos, ouve-se o começo de um poema famoso sobre a fuga do tempo.

Com o tempo, que tudo desbarata,
Teus olhos deixarão de ser estrelas;
Verás murchar no rosto as faces belas
E as tranças d'ouro converter-se em prata.

GALILEU — Roma. Grande gala?

PRIMEIRO SECRETÁRIO — O primeiro carnaval depois dos anos da peste. Todas as grandes famílias da Itália estão representadas. Os Orsini, os Villani, os Nuccolli, os Soldianeri, os Cane, os Lecchi, os Estensi, os Colombini...

SEGUNDO SECRETÁRIO *interrompe* — Suas Eminências os Cardeais Bellarmino e Barberini.

Entram o Cardeal Bellarmino e o Cardeal Barberini. Diante do rosto, presas num bastão, trazem máscaras depomba e de cordeiro.

BARBERINI *apontando Galileu com o indicador* — “Nasce o Sol, e põe-se o Sol, e volta ao lugar onde nasceu.” É o que diz Salomão; e o que diz Galileu?

GAULEU — Quando eu era deste tamanho — *indica com a mão* — Eminência, ao andar de barco, eu gritava que a praia ia embora. Hoje sei que a praia estava parada, e que o movimento era do barco.

BARBERINI — Muito, muito esperto. O que nós vemos, Bellarmino, isto é, o movimento do céu estrelado, pode bem estar errado, vide barco e praia. Já o que está certo, isto é, o movimento da Terra, este nós não podemos perceber! É bem achado. Mas as luas de Júpiter são duras de roer para os nossos astrônomos. Infelizmente eu, noutros tempos, também li um pouco de astronomia, Bellarmino. Isso pega pior que sarna.

BELLARMINO — Vamos marchar com os tempos, Barberini. Se os mapas celestes, que dependem de uma hipótese nova, facilitam a vida de nossos navegantes, eles que usem os mapas. O que nos desagradam são doutrinas que tomam errada a Escritura.

Ele saúda alguém na sala do baile.

GALILEU — A Escritura. “Quem retiver o grão, será amaldiçoado pelo povo.” Provérbios de Salomão.

BARBERINI — “Os sábios escondem a sabedoria.” Provérbios de Salomão.

GALILEU — “Não havendo bois, a manjedoura permanece limpa, mas pela força do boi a colheita é abundante.”

BARBERINI — “Melhor é o que governa o seu espírito, do que o que toma uma cidade.”

GALILEU — “Aquele cujo espírito cede, apodrecerá até os ossos.”
Pausa. “Não é alta a voz da verdade?”

BARBERINI — “Andará alguém sobre brasas sem queimar os seus pés?” Bem-vindo a Roma, amigo Galileu. O senhor conhece as origens da cidade? Conta a lenda que dois meninos foram guardados e amamentados por uma loba. Desse dia em diante, todas as crianças foram obrigadas a pagar-lhe pelo leite. Ela, em compensação, providencia prazeres, celestes e terrenos; desde conversações com o meu erudito amigo Bellarmino, até a companhia de três ou quatro damas de reputação internacional. O senhor me permite apresentá-las? *Conduz Galileu para trás, para mostrar-lhe o salão de baile. Galileu segue, relutante.*

BARBERINI — Não? Ele insiste numa entrevista séria. Muito bem. O senhor está bem certo, meu caro Galileu, de que vocês astrônomos não estão querendo simplesmente tornar mais confortável a sua astronomia? *Conduz Galileu para a frente.* Vocês pensam em círculos ou elipses, em velocidades uniformes, movimentos simples que estão de acordo com o seu cérebro. Mas se aprovesse a Deus que as estrelas andassem assim? *Desenha no ar um trajeto muito enredado, com velocidade irregular.* O que sobraria de seus cálculos?

GATILFU — Eminência, se Deus construísse o mundo assim — *repete o movimento de Barberini* — Ele construiria o mesmo cérebro assim também — *repete o mesmo movimento* — de modo que reconheceríamos esse mesmo movimento como o mais simples. Eu acredito na razão.

BARBERINI — Eu considero a razão insuficiente. Ele não responde. É educado demais para dizer que a minha razão é que é insuficiente. *Ri e volta ao parapeito.*

BELLARMINO — A razão, meu amigo, não tem muito alcance. À nossa

volta, o que se vê é somente falsidade, crime e fraqueza. A verdade onde está?

GALILEU *irritado* — Eu acredito na razão.

BARBERINI *aos Secretários* — Vocês não tomem nota de nada, isto é uma tertúlia científica entre amigos.

BELLARMINO — O senhor pense um pouco. Para dar sentido a um mundo desses — obviamente abominável — quanto esforço, quanto estudo não gastaram os padres da Igreja e tantos outros depois deles! O senhor pense na brutalidade dos donos da terra, que mandam tocar os seus camponeses a chicote pelos campos, e pense na estupidez desses pobres seminus que em troca lhes beijam os pés.

GALILEU — É uma vergonha. Na minha viagem para cá eu vi...

BELLARMINO — Nós atribuímos a um Ser Supremo a responsabilidade pelo sentido desses fatos que não logramos compreender e que constituem a vida — dissemos que havia uma certa finalidade nessas coisas, que isso tudo obedecia a um grande plano. Ainda assim, o sossego nunca foi completo; e agora vem o senhor e diz que o Ser Supremo entendeu mal o movimento dos céus, que o senhor entendeu bem. Isso é prudente?

GALILEU *tomando impulso para uma explicação* — Eu sou um filho devoto da Igreja...

BARBERINI — Pessoa incorrigível. Ele quer provar, com toda a candura, que, em matéria de astronomia, Deus escreve asneiras! Deus então não estudou astronomia como convinha, antes de redigir a Sagrada Escritura? *Caro* amigo!

BELLARMINO — Mesmo ao senhor, não lhe parece provável que o Criador saiba mais que a sua criatura a respeito da criação?

GALILEU — Mas, meus senhores, afinal, se o homem decifra mal o movimento das estrelas, pode errar também quando decifra a Bíblia!

BELLARMINO — Mas, meu senhor, afinal, decifrar a Bíblia é da competência dos teólogos da Santa Igreja, ou não?

Galileu não responde.

BELLARMINO — O senhor vê, o senhor acaba não respondendo. *Faz um sinal aos Secretários.* Senhor Galileu, o Santo Ofício decidiu esta noite que a doutrina de Copérnico, segundo a qual o Sol é o centro do universo, e é imóvel, enquanto a Terra é móvel, e não é o centro do universo, é tola, absurda e herética na fé. Eu tenho a incumbência de pedir ao senhor que abjure essa opinião. *Ao Primeiro Secretário* — Repita isso.

PRIMEIRO SECRETÁRIO — Sua Eminência o Cardeal Bellarmino ao mencionado Galileu Galilei: o Santo Ofício decidiu que a doutrina de Copérnico, segundo a qual o Sol é o centro do universo, e é imóvel, enquanto a Terra é móvel, enãoéocentro do universo, é tola, absurda e herética na fé. Eu tenho a incumbência de pedir ao senhor que abjure essa opinião.

GALILEU — O que quer dizer isso?

Do salão de baile vem uma nova estrofe do poema, cantada por meninos:

Guarda para o seu tempo os desenganos,
Gozemos agora, enquanto dura,
Já que dura tão pouco a flor dos anos.

Barberinipede silêncio a Galileu enquanto não termina a canção. Eles ouvem.

GALILEU — Mas, e os fatos? Pelo que eu entendi, os astrônomos do Collegium Romanum aceitaram as minhas observações.

BELLARMINO — Com expressões do mais profundo reconhecimento e fazem grande honra ao senhor.

GALILEU — Mas, os satélites de Júpiter, as fases de Vênus...

BELLARMINO — A Santa Congregação decidiu sem levar em conta esses detalhes.

GALILEU — Isto quer dizer que o futuro da pesquisa científica...

BELLARMINO — Está em perfeita segurança, senhor Galileu. E isto em conformidade com o pensamento da Igreja, segundo o qual não podemos saber, mas podemos pesquisar. *Cumprimenta um*

outro convidado, no salão de baile. Mesmo a mencionada doutrina, o senhor é livre de lidar com ela, em forma de hipótese matemática. A ciência é filha legítima e muito amada da Igreja, senhor Galileu. Nenhum de nós acredita seriamente que o senhor queira solapar a confiança na Igreja.

GALILEU *agressivo* — A confiança se perde quando é muito exigida.

BARBERINI — Pois sim. *Dá uma gargalhada epalmadinhas no ombro de Galileu; depois, olha-o bem nos olhos, e sua voz não é hostil.* — O senhor não ponha fora a criança com a água do banho, amigo Galileu. Nós também não pusemos. Nós precisamos do senhor mais que o senhor de nós.

BELLARMINO — Eu estou ansioso por apresentar o maior matemático da Itália ao comissário do Santo Ofício, que tem grande estima pelo senhor.

BARBERINI *tomando o outro braço de Galileu* — Ao que ele volta a se transformar em cordeiro. Aliás, o caro amigo também deveria usar um disfarce, por exemplo o de doutor bem-pensante. Éa minha máscara que hoje me permite um pouco de liberdade. Num carnaval destes, pode acontecer que eu murmure: se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo. Bem, vamos repor as nossas máscaras. Mas o pobre Galileu não tem nenhuma.

Tomam o braço de Galileu e vão para o salão.

PRIMEIRO SECRETÁRIO — Você pegou a última frase?

SEGUNDO SECRETÁRIO — Estou escrevendo. *Os dois escrevem com aplicação.* Você pegou quando ele disse que acreditava na razão? *Entra o Cardeal Inquisidor.*

INQUISIDOR — Houve a entrevista?

PRIMEIRO SECRETÁRIO *mecanicamente* — Primeiro chegou o senhor Galileu com a sua filha. Ela acaba de ficar noiva do senhor... *O Inquisidor faz um gesto para que passem adiante.* Em seguida o senhor Galileu nos informou da nova maneira de jogar xadrez, na qual as peças correm o tabuleiro de ponta a ponta, contra todas as regras do jogo.

INQUISIDOR *repete o gesto* — O protocolo.

Um Secretário lhe entrega o protocolo. O Cardeal toma assento para passar os olhos no documento. Duas jovens senhoras mascaradas atravessam o palco, e fazem mesura diante do Cardeal.

UMA — Quem é?

OUTRA — O Cardeal Inquisidor.

Elas saem de risinhos. Entra Virginia, olhando à volta como quem procura.

INQUISIDOR *de seu canto* — Então, minha filha?

VIRGÍNIA *um pouco assustada, pois não o havia visto* — Oh, Eminência!

O Inquisidor estende-lhe a mão direita, sem levantar os olhos. Ela se aproxima, ajoelha e lhe beija o anel.

INQUISIDOR — Uma noite esplêndida! A senhora aceite as minhas felicitações pelo seu noivado. O seu noivo é de ótima família. Vocês ficarão aqui, em nossa Roma?

VIRGÍNIA — Por enquanto não, Eminência. Há tanta coisa a preparar, antes do casamento.

INQUISIDOR — Muito bem, a senhora portanto volta com o seu pai para Florença. Acho excelente. Eu imagino que o seu pai precise da senhora. A matemática é companheira fria, não é? Num ambiente desses, uma criatura de carne e osso faz muita diferença. Quando se é um grande homem, o mundo das estrelas é muito grande, e é muito fácil perder-se nele.

VIRGÍNIA *com a respiração cortada* — É muita bondade, Eminência. Eu, na verdade, não entendo quase nada dessas coisas.

INQUISIDOR — Não? *Ri.* Em casa de pescador não se come peixe, hein? O senhor seu pai vai achar graça quando souber que você, minha filha, aprendeu comigo o que sabe das estrelas. *Folheando o protocolo.* O que se lê aqui é que nossos inovadores consideram bastante exagerada a importância que habitualmente damos à nossa querida Terra, e o mestre de todos eles,

mundialmente acatado, é o senhor seu pai, um grande homem, um dos maiores. Bom, desde os tempos de Ptolomeu, um sábio da Antiguidade, até o dia de hoje, calculava-se que a criação inteira—a esfera de cristal, portanto, em cujo centro está a Terra — mediria perto de vinte mil diâmetros terrestres. É um bonito espaço, mas é pouco, muito pouco, para os inovadores. Segundo estes, parece que a extensão do espaço é imensa; a distância da Terra ao Sol, que sempre nos pareceu respeitável, é tida por coisa tão mínima, comparada com a distância entre a nossa pobre Terra e as estrelas fixas da última esfera, tão mínima que não vale a pena levá-la em conta nos cálculos! E depois dizem que os inovadores não gastam à grande.

Virginia ri. O Inquisidor ri também.

INQUISIDOR — De fato, há poucos dias vários senhores do Santo Ofício ficaram quase chocados com essa imagem do mundo, perto da qual a nossa parece uma miniatura, dessas que enfeitam o colo encantador das jovencinhas. O que os padres temem é que, nesse espaço enorme, seja fácil perder de vista um prelado, ou mesmo um cardeal. O próprio papa talvez caísse fora das vistas do Senhor. É, é engraçado, minha filha, mas ainda assim eu acho excelente que a senhora continue perto de seu grande pai, que nós todos prezamos tanto. Será que eu conheço o seu confessor?

VIRGÍNIA — Padre Cristóforo de Santa Úrsula.

INQUISIDOR — Sei. Eu acho excelente que a senhora acompanhe o senhor seu pai. Ele vai precisar muito, a senhora talvez ainda não saiba como, mas vai precisar. A senhora é tão jovem, uma criatura de carne e osso, e a grandeza nem sempre é fácil de suportar, para aqueles a quem Deus a deu, nem sempre. Nenhum mortal é tão grande que não se possa incluí-lo numa oração. Mas eu estou tomando o seu tempo, minha filha, o seu noivo já deve estar enciumado, e quem sabe se também o seu bom pai, pois eu falei de estrelas, e é provável que tenha dito coisas obsoletas. Agora vá dançar, mas não esqueça de cumprimentar o Padre Cristóforo de minha parte.

Virginia sai depois de curvar-se profundamente.

i

UMA CONVERSA

Galileu e a ciência vão mal, obrigado.
Um monge moço, que não fora convidado,
Filho de pobre gente pobre,
Quer saber como o saber de descobre.
Quer saber como saber.

No palácio do embaixador florentino, em Roma. Galileu escuta o Pequeno Monge, que após a sessão do Collegium Romanum lhe havia assoprado a conclusão do astrônomo papal.

GALILEU — Pode falar, fale! A roupa que o senhor usa lhe dá o direito de dizer toda e qualquer coisa.

O PEQUENO MONGE — Eu estudei matemática, senhor Galileu.

GALILEU — Não seria má coisa, se levasse o senhor a conceder que dois mais dois, ao menos de vez em quando, fazem quatro!

O PEQUENO MONGE — Senhor Galileu, há três noites eu não durmo. Eu não consegui conciliar o Decreto, que eu li, com o satélite de Júpiter, que eu vi. Decidi que rezava missa hoje cedo e vinha ver o senhor.

GALILEU — Para me dizer que não há satélites de Júpiter?

O PEQUENO MONGE — Não. Mas consegui perceber a sabedoria do Decreto. O Decreto me fez ver que a pesquisa desenfreada é perigosa para a humanidade, e eu decidi renunciar à astronomia. Apesar disso, ainda faço questão de submeter ao senhor os motivos que podem levar, mesmo um astrônomo, a desistir da elaboração de uma certa teoria.

GALILEU — Pois lhe digo que esses motivos eu conheço bem.

O PEQUENO MONGE — Entendo que o senhor esteja amargo. O senhor

está pensando em certos poderes extraordinários de que a Igreja dispõe.

GALILEU — Diga de uma vez: instrumentos de tortura.

O PEQUENO MONGE — Mas quero lembrar outras razões. O senhor permita que eu lhe fale de mim. Nasci no campo, sou filho de camponeses. São gente simples. Sabem tudo sobre a oliveira, mas pouco além disso. Observando as fases de Vênus, vejo os meus pais diante de mim, sentados diante do fogão, com a minha irmã, comendo o seu queijo. Acima deles vejo o teto, escurecido pela fumaça de muitos séculos, e vejo bem as suas mãos velhas e deformadas, segurando a colher pequena. A vida deles não é boa, mas até a sua desgraça manifesta uma certa ordem. São os vários ciclos, desde os dias de lavar o chão, até as estações no olival, até o pagamento dos impostos. Há regularidade nos desastres que eles sofrem. As costas de meu pai vergam, mas não é de uma vez, é um pouco mais em cada primavera, trabalhando nas oliveiras; e os partos, é a mesma coisa, vinham regularmente, até deixar a minha mãe acabada. Para subir por esses caminhos desgraçados, arrastando um cesto e pingando suor, para parir os filhos, e até para comer, é preciso ter força, e essa força de onde é que eles tiram, se não do sentimento da constância e da necessidade, que lhes vem olhando os campos, olhando as árvores, que reverdecem todos os anos, vendo a igreja pequena, ouvindo a Bíblia aos domingos. Eles estão seguros — foram ensinados assim — de que o olho de Deus está posto neles, atento, quase ansioso, de que o espetáculo do mundo foi construído em tomo deles, para que eles, os atores, pudessem desempenhar os seus papéis grandes ou pequenos. Que diria a minha gente se ouvisse de mim que moram num pedaço pequeno de rocha que gira ininterruptamente no espaço vazio, à volta de outra estrela, um pedaço entre muitos, sem maior expressão? Para que tanta paciência e resignação diante da miséria? Elas não ficariam sem cabimento? Qual é o cabimento da Sagrada Escritura que explicou tudo e que disse que tudo é necessário, o suor, a paciência, a fome, a submissão, se ela agora está toda errada? Não, eu vejo os olhos deles ficando ariscos, vejo como descansam a colher, vejo como eles se sentem traídos e esbulhados.

Então o olho não está posto em nós, é o que pensam. Nós é que precisamos cuidar de nós mesmos, sem instrução, velhos e acabados como estamos? Nenhum papel nos foi destinado, afora este papel terreno e lamentável, numa estrela minúscula, inteiramente dependente, que não tem nada girando à sua volta? Não há sentido na nossa miséria; fome não é prova de fortaleza, é apenas não ter comido; esforço é vergar as costas e arrastar, não é mérito. O senhor compreende agora a verdadeira misericórdia maternal, a grande bondadedaalmaqueeu ve j o no Decreto da Santa Congregação.

GALILEU — Bondade da alma! Provavelmente, o que o senhor quer dizer é só que não sobrou nada, que o vinho foi bebido, que a boca deles está seca, de modo que o melhor é beijar a batina! Mas por que não há nada? Por que é que só é ordem, neste país, a ordem da gaveta vazia? E necessidade só existe a de se matar no trabalho? Em meio das vinhas carregadas, ao pé dos trigais! Seus camponeses pagam a guerra que o Vigário do suave Filho de Deus provoca na Espanha e na Alemanha. Por que ele põe a Terra no centro do universo? Para que o trono de Pedro possa ficar no centro da Terra! É isso que importa. O senhor tem razão, não são os planetas que importam, são os camponeses. E o senhor, não me venha com a beleza dos fenômenos que o tempo redourou! O senhor sabe como a ostra margaritifera produz a sua pérola? É uma doença de vida ou morte. Ela envolve um corpo estranho, intolerável para ela, um grão de areia, por exemplo, numa bola de gosma. Ela quase morre no processo. A pérola que vá para o diabo. Eu prefiro a ostra com saúde. A miséria não é condição das virtudes, meu amigo. Se a sua gente fosse abastada e feliz, aprenderia as virtudes da abastança e da felicidade. Hoje, avirtude dos exaustos nasce da terra exausta, e eu abomino isso. Meu caro, as minhas novas bombas d'água fazem mais milagre do que a sua ridícula trabalhadeira sobre-humana. — “Crescei e multiplicai-vos”, pois os campos são estéreis e a guerra vos dizima. O senhor quer que eu minta à sua gente?

O PEQUENO MONGE *muito agitado*—São os motivos mais altos que nos mandam calar, é a paz de espírito dos miseráveis.

GALILEU—O senhor quer ver um relógio de Cellini? Eu tenho um aqui, foi o cocheiro do Cardeal Bellarmiro quem trouxe hoje cedo, um presente. Meu caro, se eu deixo intata a paz de espírito, digamos, dos seus bons pais, a autoridade me recompensa, me oferece o vinho que eles colheram com o suor do rosto deles, rosto criado, sabidamente, à imagem e semelhança de Deus. Se eu me dispusesse a calar, os motivos seriam indiscutivelmente baixos: vida fácil, nada de perseguições, etc.

O PEQUENO MONGE — Senhor Galileu, eu sou padre.

GALILEU — O senhor também é físico. E o senhor viu que Vênus tem fases. Olhe lá fora! *Aponta pela janela*. — Você está vendo o Príapo, ali na fonte, ao lado do louro? O deus dos jardins, dos pássaros e dos ladrões, rústico, obscuro, dois mil anos de idade! Ele mentia menos. Está bem, já parei, também sou filho da Igreja. Mas o senhor conhece a sátira oitava de Horácio? Estive relendo nesses dias, ele empresta algum equilíbrio. *Apanha um pequeno livro*. É esse Príapo mesmo que fala, uma estatueta posta nos jardins do Esquilino. Começa assim:

“Um toro de figueira, madeira inútil
Eu era, quando o carpinteiro, incerto
Se faria Príapo ou uma banquetta,
Preferiu o deus...”

O Senhor acha que Horácio aceitaria, se lhe tirassem a banquetta do poema e pusessem uma mesa no lugar dela? Senhor, é o meu senso de beleza que protesta, se Vênus ficar sem fases no meu quadro do universo! Nós não saberemos inventar máquinas para bombear água dos rios, se não pudermos estudar a máquina que está diante dos nossos olhos, a maior de todas, a dos corpos celestes. A soma dos ângulos de um triângulo não pode ser alterada segundo os interesses da Cúria. Eu não posso calcular o movimento dos corpos no espaço de maneira que explique também o galope das bruxas e das vassouras.

O PEQUENO MONGE — Mas o senhor não acha que a verdade, se for verdade, se afirma mesmo sem a gente?

GALILEU — Não, não, não. Só se afirma a verdade que nós afirmamos; a vitória da razão só pode ser a vitória dos homens racionais.

Quando os senhores descrevem os camponeses, é como se eles fossem musgo no teto da choupana! Como pode alguém pensar que o interesse *deles* possa ser contrariado pelo teorema da soma dos ângulos de um triângulo! Porém, se eles não se põem em movimento e não aprendem a pensar, mesmo o mais engenhoso sistema de irrigação não lhes adiantará nada. Diabo, eu vejo a paciência divina de sua gente, mas e a fúria divina, onde ficou?

O PEQUENO MONGE — É gente cansada!

GALILEU *joga-lhe um pacote de manuscritos* — Meu filho, você é físico? A razão dos movimentos do mar, enchentes e vazantes, está aí. Mas você não deve ler, ouviu? Como é, já está lendo? Mas então você é físico?

O Pequeno Monge está mergulhado na leitura.

GALILEU — O fruto da árvore do saber! Ele já está se empanturrando. Ainda que seja a maldição eterna, ele não resiste e se empanturra, comilão infeliz! Às vezes eu penso: eu bem que ficaria preso dez braças debaixo da terra, onde não viesse mais luz, para saber o que é isso: a luz. E o pior: o que eu sei, eu passo adiante. Como um namorado, como um bêbado, como um traidor. É propriamente um vício, e leva à desgraça. Por enquanto eu digo as coisas ao fogão, mas por quanto tempo?

O PEQUENO MONGE *aponta uma passagem nos papéis* — Esta frase eu não entendo.

GALILEU — Eu lhe explico.

9

APÓS OITO ANOS DE SILÊNCIO, ENCORAJADO PELA ASCENSÃO DE UM NOVO PAPA, QUE É CIENTISTA ELE PRÓPRIO, GALILEU RETOMA SUAS PESQUISAS NO CAMPO PROIBIDO. AS MANCHAS SOLARES

A verdade escondida
Os dedos em figa

Mentiu, calou, mas depois falou.
Verdade, prossiga.

Casa de Galileu, em Florença. Os alunos de Galileu—Federzoni, o Pequeno Monge e Andrea Sarti, que agora é um moço — estão reunidos para uma aula experimental. Galileu, de pé, lê um livro. Virginia e Sarti estão costurando o enxoval.

VIRGÍNIA — Costurar enxoval é costura feliz. Isto é para uma mesa comprida, Ludovico gosta de convidados. Com muito capricho, porque a mãe dele não deixa escapar nada. Ela não concorda com os livros de papai. Nem o Padre Cristóforo.

DONA SARTI — Faz anos que ele não escreve mais livros.

VIRGÍNIA — Acho que ele reconhece que se enganou. Em Roma, um cardeal muito eminente me explicou várias coisas de astronomia. As distâncias são grandes demais.

ANDREA *enquanto escreve no quadro a matéria do dia* — “Quinta-Feira à tarde. Flutuação dos corpos.” De novo o gelo; bacia d’água; balança; agulha de ferro; Aristóteles.

Sai, para buscar objetos. Os outros consultam livros. Entra Filippo Mucio, um estudioso de meia-idade. Tem o ar um pouco perturbado.

Mucio — A senhora faz o favor e diz ao senhor Galileu que ele precisa me receber? Ele me condenou sem me ouvir.

DONA SARTI — Mas ele já disse que não quer recebê-lo.

Mucio — A senhora peça a ele. que Deus há de lhe pagar. Eu preciso falar com ele.

VIRGÍNIA *vai até a escada* — Papai!

GALILEU — O que há?

VIRGÍNIA — O senhor Mucio.

GALILEU *levanta-se abruptamente, vai até a escada, os alunos ficam atrás dele* — O que o senhor deseja?

Mucio — Senhor Galileu, o senhor permita que eu lhe explique as passagens do meu livro em que parece haver a condenação das teorias copemicanas da rotação da Terra. Eu tenho...

GALILEU — O que o senhor quer explicar? O senhor está de acordo com o Decreto da Santa Congregação de 1616. O senhor está inteiramente no seu direito. É verdade que estudou matemática aqui, mas isso não nos dá direito, a nós, de ouvir do senhor que dois mais dois são quatro. O senhor tem todo o direito de dizer que esta pedra — *tira um seixo do bolso, para lançá-lo ao vestibulo, embaixo* — voou para cima, para o teto.

Mucio — Senhor Galileu, eu...

GALILEU — Não venha falar em dificuldades! Eu não permiti nem a peste que impedisse a continuação dos meus estudos.

Múcio — Senhor Galileu, a peste não é o pior.

GALILEU — Pois eu lhe digo: quem não sabe a verdade é estúpido, e só. Mas quem sabe e diz que é mentira, é criminoso! O senhor saia de minha casa!

Múcio *apagado* — O senhor tem razão. *Sai. Galileu volta ao quarto de estudo.*

FEDERZONI — Infelizmente é assim. Ele não é um grande homem, e não teria fama nenhuma se não fosse aluno seu. Mas agora, naturalmente, eles querem que ele confesse que as idéias que ouviu de Galileu estavam erradas.

DONA SARTI — Eu tenho pena daquele senhor.

VIRGÍNIA — Papai gostava dele.

DONA SARTI — Virginia, eu queria falar com você sobre o seu casamento. Você é tão moça, mãe você não tem, e o seu pai fica pondo

esses pedacinhos de gelo para boiar. Eu, aliás, nem aconselho a falar com ele de coisas de casamento. Ele passaria uma semana dizendo as coisas mais horríveis, sempre na hora do almoço, na frente dos alunos; ele não tem um tostão de vergonha, nunca teve. Mas eu não estava pensando nessas coisas. Estou pensando no que vai ser, no futuro. Eu mesma não posso saber nada, sou uma pessoa ignorante. Mas, um passo não posso fazer não se dá no escuro. Acho que você devia procurar um astrônomo de fato, na universidade, e pedir o seu horóscopo. Assim você sabe o que a espera. Por que você está rindo?

VIRGÍNIA — Porque já estive lá.

DONA SARTI *com avidez* — E o que ele disse?

VIRGÍNIA — Durante três meses preciso tomar cuidado, porque o Sol vai estar em Capricórnio, mas depois eu apanho um ascendente muito favorável e as nuvens se dissipam. Posso fazer qualquer viagem, contanto que não perca Júpiter de vista, porque sou de Capricórnio.

DONA SARTI — E Ludovico?

VIRGÍNIA — Ele é Leão. *Depois de uma pequena pausa.* Parece que ele é sensual.

Pausa

VIRGÍNIA — Eu conheço esse passo. É o reitor, senhor Gaffone. *Entra o Senhor Gaffone, reitor da Universidade.*

GAFFONE — Vim trazer um livro, que talvez interesse ao seu pai. Pelo amor de Deus, eu não quero incomodar. Não sei o que fazer, mas a minha impressão é de que todo minuto roubado a esse grande homem é roubado à Itália. Eu deixo o livro aqui em suas mãos, bonito e limpinho, e saio na ponta dos pés. *Sai.*

Virginia entrega o livro a Federzoni.

GALILEU — Do que se trata?

FEDERZONI — Não sei. *Soletrando. De maculis in Sole.*

ANDREA — Sobre as manchas solares. Mais um!
Federzoni passa-lhe o livro, irritado.

ANDREA — Ouça a dedicatória! “À maior autoridade entre os físicos vivos, Galileu Galilei.”
Galileu está novamente mergulhado em seu livro.

ANDREA — Eu li o tratado de Fabrizio, da Holanda, sobre as manchas. Ele acha que são enxames de estrelas passando entre a Terra e o Sol.

O PEQUENO MONGE — Bem duvidoso, o senhor não acha, senhor Galileu?
Galileu não responde.

ANDREA — Em Paris e em Praga dizem que são vapores do Sol.

FEDERZONI — Hum.

ANDREA — Federzoni duvida.

GALILEU — Faça o favor de não me incluir. Eu disse “hum” e mais nada. Sou um oficial-oculista e preparo as lentes para vocês observarem o céu. O que vocês vêem não são manchas, são *maculis*. Como é que eu posso duvidar de alguma coisa? Eu não vou repetir de novo que sou incapaz de ler os livros, porque eles estão em latim. *Gesticula furioso, com a balança na mão. Um dos pratos cai. Galileu atravessa o quarto em silêncio, e levanta o prato do chão.*

O PEQUENO MONGE — Há bem-aventurança em duvidar; eu me pergunto por quê.

ANDREA — Faz duas semanas que nos dias de sol eu subo ao vão do telhado. A rachadura das ripas deixa passar um raio muito fino. Dá para apanhar a imagem do Sol, invertida, numa folha de papel. Vi uma mancha, do tamanho de uma mosca, borrada como uma nuvem. Ela muda de lugar. Por que não estudamos essas manchas, senhor Galileu?

GALILEU — Porque nós estamos estudando a flutuação dos corpos.

ANDREA — O cesto de roupa da minha mãe já não dá para as cartas. A Europa inteira pede a sua opinião. O seu prestígio cresceu tanto, que o senhor já não pode calar.

GALILEU — Roma deixou meu prestígio crescer porque eu calei.

ANDREA — Mas agora o senhor não pode mais se dar ao luxo de ficar quieto.

GALILEU — Eu também não posso me dar ao luxo de ser assado no fogo, como um presunto.

ANDREA — O senhor acha que as manchas estão ligadas a esse tema?
Galileu não responde

ANDREA — Está bem, vamos ficar com os pedacinhos de gelo; eles não fazem mal ao senhor.

GALILEU — É isso. — A nossa tese, Andrea!

ANDREA — Quanto à flutuação, nós supomos que ela não depende da forma do corpo, mas de seu peso, comparado ao da água: se for mais leve, o corpo flutua; se for mais pesado...

GALILEU — Aristóteles o que diz?

O PEQUENO MONGE — *Discus latus platique...*

GALILEU — Traduza, traduza!

O PEQUENO MONGE — “Uma placa de gelo, fina e larga, flutua à tona da água, enquanto que uma agulha de ferro vai ao fundo.”

GALILEU — Por que o gelo não afunda, segundo Aristóteles?

O PEQUENO MONGE — Porque é largo e plano, de modo que não consegue separar a água.

GALILEU — Muito bem. *Passa-lhe um pedaço de gelo, que ele põe na bacia.* Agora eu empurro o gelo, à força, até o fundo da bacia. Retiro a mão que pressionava. O que acontece?

O PEQUENO MONGE — Ele volta a subir.

GALILEU — Certo. Pelo visto, na subida ele é capaz de separar a água. Fulgenzio!

O PEQUENO MONGE — Mas por que ele flutua? Ele é mais pesado que a água, pois é água condensada.

GALILEU — E se fosse água rarefeita?

ANDREA — Tem que ser mais leve que a água, senão não flutuaria.

GALILEU — Hum, hum.

ANDREA — Como não flutua uma agulha de ferro. Tudo que é mais leve que a água flutua, e tudo que é mais pesado afunda. Como queríamos demonstrar.

GALILEU — Andrea, você precisa aprender a pensar com cautela. Passe-me a agulha de ferro. Uma folha de papel. Ferro pesa mais que água?

ANDREA — Pesa.

Galileu coloca a agulha sobre o pedaço de papel, que ele coloca sobre a água. — Pausa.

GALILEU — O que acontece?

FEDERZONI — A agulha flutua! Santo Aristóteles, eles não tinham verificado o que ele afirma! *Riem.*

GALILEU — Muita vez, a causa principal da pobreza, em ciência, é a riqueza presumida. A finalidade da ciência não é abrir a porta ao saber infinito. Mas colocar um limite à infinitude do erro. Tomem as suas notas.

VIRGÍNIA — O que foi?

DONA SARTI — Toda vez que eles riem, eu fico um pouco assustada. Penso comigo: de que é que eles riem?

VIRGÍNIA — O meu pai diz que os teólogos têm o dobre dos sinos, e os físicos têm a risada.

DONA SARTI — Felizmente ao menos ele já não usa tanto a luneta. Aquilo era pior ainda.

VIRGÍNIA — Agora ele põe gelo para boiar, acho que não há grande mal nisso.

DONA SARTI — Sei lá.

Entra Ludovico Marsili, em traje de viagem, seguido por um criado com a bagagem. Virginia corre para ele e o abraça.

VIRGÍNIA — Por que você não me escreveu que vinha?

LUDOVICO — Eu estava aqui perto, visitando o nosso vinhedo em Bucciole, não resisti e vim.

GALILEU *como se estivesse míope* — Quem é?

VIRGÍNIA — Ludovico.

O PEQUENO MONGE — O senhor não está enxergando?

GALILEU — Ah, sim, Ludovico. *Vai em sua direção.* Os cavalos como vão?

LUDOVICO — Vão bem, meu senhor.

GAULEU — Sarti, vamos festejar. Traga uma garrafa de vinho siciliano, do velho!

Dona Sarti sai com Andrea.

LUDOVICO *a Virginia* — Você está pálida. A vida no campo vai lhe fazer bem. Mamãe a espera em setembro.

VIRGÍNIA — Espere um minutinho, que eu lhe mostro o vestido de noiva! *Sai correndo.*

GALILEU — Sente-se.

LUDOVICO — Ouço dizer, meu senhor, que há mais de mil alunos

assistindo às suas aulas, na universidade. Em que o senhor está trabalhando?

GALILEU — O trivial. Você passou por Roma?

LUDOVICO — Passei. — Antes que eu esqueça, mamãe manda cumprimentá-lo pelo tato admirável com que o senhor tratou o novo deboche holandês das manchas solares.

GALILEU *secamente* — Muito obrigado.
Dona Sarti e Andrea trazem o vinho e copos. Forma-se um grupo em volta da mesa.

LUDOVICO — Roma já tem assunto para o mês de fevereiro. Cristóvão Clávio receia que o velho pandemônio da Terra-em-volta-do-Sol recomece, por causa dessas manchas solares.

ANDREA — Não se preocupe.

GALILEU — E outras novidades da Cidade Santa, afora a esperança de que eu volte a pecar?

LUDOVICO — Naturalmente os senhores sabem que o Santo Padre está morrendo?

O PEQUENO MONGE — Oh.

GALILEU — Quem é o sucessor provável?

LUDOVICO — Fala-se em Barberini.

GALILEU — Barberini!

ANDREA — O senhor Galileu conhece Barberini.

O PEQUENO MONGE — O Cardeal Barberini é matemático.

FEDERZONI — Um cientista no Santo Trono.
Pausa.

GALILEU—Vejam só, eles agora precisam de homens como Barberini, que tenham lido um pouco de matemática! As coisas estão entrando em movimento. Federzoni, talvez chegue um tempo

em que não será preciso se esconder, como um malfeitor, para dizer que dois e dois são quatro. *A Ludovico.* Eu acho saboroso esse vinho, Ludovico. Você o que acha?

LUDOVICO — É um bom vinho.

GALILEU—Eu conheço o vinhedo. O declive é forte e pedregoso, a uva é quase azul. Eu gosto desse vinho.

LUDOVICO — Sim, meu senhor.

GALILEU — Veja como ele é cheio de sombras. Ele é quase doce, mas não passa do “quase”. Andrea, tire essas coisas daí, a bacia, o gelo e a agulha. Eu dou valor às consolações da carne. Não tenho paciência com as almas covardes, que depois falam em fraqueza. Sustento que o prazer é uma prova de capacidade.

O PEQUENO MONGE — O que se vai fazer?

FEDERZONI — É o pandemônio da Terra-em-volta-do-Sol que vai recomeçar.

ANDREA *cantarolando* —

A Bíblia diz que não. Também doutores

Provam que não, que é tudo mentira.

O Santo Padre agarra, amarra, prende

E garante que de modo algum. Mas ela gira.

Andrea, Federzoni e o Pequeno Monge vão rapidamente até a mesa de experimentos para limpá-la.

ANDREA — Talvez descubramos que também o Sol gira. O que você acha disso, Marsili?

LUDOVICO — Por que tanta excitação?

DONA SARTI — O senhor vai mexer de novo nessa coisa do diabo, senhor Galileu?

GALILEU—Agora sei por que a sua mãe o mandou. Barberini será papa! O saber será uma paixão e a pesquisa uma volúpia. Clávio tem

razão, essas manchas solares me interessam. Você gosta do meu vinho, Ludovico?

LUDOVICO — Já disse que sim, meu senhor.

GALILEU — Você gosta mesmo?

LUDOVICO *rígido* — Gosto dele.

GALILEU — Você chegaria a aceitar o vinho ou a filha de um homem, sem pedir que ele se aposente de sua profissão? O que tem a ver a minha astronomia com a minha filha? As fases de Vênus não alteram o traseiro dela.

DONA SARTI — O senhor é muito ordinário. Eu vou buscar Virginia imediatamente.

LUDOVICO *fazendo com que ela fique* — Os casamentos em famílias como a minha não se fazem só do ponto de vista dos sentidos.

GALILEU — Fizeram que você esperasse oito anos, antes de casar com a minha filha, para ver se eu me comportava bem?

LUDOVICO — A minha mulher fará figura na igreja de nosso vilarejo, no assento de nossa família.

GALILEU — Se a senhora do latifúndio for santa, o dinheiro dos camponeses é mais seguro, é isso?

LUDOVICO — De certa maneira.

GALILEU — Andrea, Fulgenzio, vão buscar o espelho de latão e o anteparo. Vamos projetar a imagem do Sol numa tela, para proteger os nossos olhos; é o seu método, Andrea.

Andrea e o Monge vão buscar o refletor e a tela.

LUDOVICO — Senhor, em Roma, há algum tempo, o senhor assinou que não participava mais dessa história de Terra-e-Sol.

GALILEU — Ora! Naquele tempo tínhamos um papa retrógrado!

DONA SARTI — Tínhamos! Sua Santidade ainda nem morreu!

GAULEU — Mas quase, quase! — Estendam uma rede de malhas quadradas sobre a tela. Vamos proceder com método. E havemos de responder às cartas desses senhores, hein, Andrea?

DONA SARTI — “Quase!” Esse homem pesa um pedacinho de gelo cinqüenta vezes; mas se alguma novidade parece favorável, ele acredita de olhos fechados!

A tela é posta de pé.

LUDOVICO — O próximo papa, senhor Galileu — caso Sua Santidade morra —, quem quer que ele seja e por grande que seja o amor à ciência, deverá levar em conta também o amor que lhe tenham as primeiras famílias do país.

O PEQUENO MONGE — Deus fez o mundo físico, Ludovico; Deus fez o cérebro humano; Deus há de permitir a física.

DONA SARTI — Galileu, agora eu vou lhe dizer uma coisa. Eu vi o meu filho cair em pecado por causa desses “experimentos”, “teorias” e “obser-vações”, e não pude fazer nada. Você se rebelou contra as autoridades, e já foi prevenido uma vez. Os maiores cardeais falaram com você como a uma besta doente. Durante algum tempo adiantou, mas há dois meses, logo depois da Imaculada Conceição, percebi que você tinha recomeçado as “observações”. Em segredo, e no sótão. Eu não disse nada, mas sabia. Acendi uma vela a São José. É demais para mim. Quando estou sozinha com você, você dá sinal de juízo, diz que sabe, que pre-cisa se controlar, porque é perigoso, mas com dois dias de “experimentos” você fica pior do que antes. Se perco a felicidade eterna porque fiquei do lado de um herege, é problema meu; mas você não tem o direito de sapatear na felicidade de sua filha com os seus pés enormes.

GAULEU *casmurro* — Tragam o telescópio!

LUDOVICO — Giuseppe, leve a bagagem de volta para o carro.
O empregado sai.

DONA SARTI — Ela não vai resistir. O senhor mesmo é que vai dizer a ela. *Sai correndo, o jarro ainda nas mãos.*

LUDOVICO — Pelo que vejo, o senhor fez os seus preparativos. Senhor Galileu, mamãe e eu vivemos três quartas partes do ano em nossa propriedade, no campo, e nós lhe garantimos que os nossos camponeses não ficam inquietos por causa de seus tratados sobre os satélites de Júpiter. O trabalho no campo é excessivamente duro. Entretanto, o que poderia perturbá-los, sim, é saber que hoje em dia ataques frívolos à santa doutrina da Igreja ficam impunes. O senhor nunca esqueça que esses seres deploráveis confundem tudo, em seu estado de animalização. São animais em sentido próprio, o senhor mal pode imaginar. Se corre o boato de que nasceu maçã numa pereira, eles abandonam o trabalho para conversar sobre o caso.

Galileu *interessado* — É assim?

LUDOVICO — Animais. Quando eles vêm à casa-grande para reclamar de uma bobagem qualquer, mamãe constringida manda surrar um cachorro na presença deles, é a única coisa que lhes lembra a disciplina, a ordem e a educação.

O senhor, prezado Galileu, que vê os trigais floridos através da janela de um coche, que pensa noutra coisa enquanto come as nossas azeitonas e o nosso queijo, o senhor não tem idéia da trabalhadeira, da vigilância que nos custaram!

GALILEU — Jovem, eu não penso noutra coisa quando como as minhas azeitonas. *Mal-educado*. Você está me atrapalhando. *Gira para fora*. A tela está aí?

ANDREA — Está. O senhor vem?

GALILEU — Quando é para manter a disciplina, Marsili, vocês não fustigam só cachorros, hein?

LUDOVICO — Senhor Galileu, o senhor tem um cérebro maravilhoso. Que pena.

O PEQUENO MONGE *espantado* — Ele está ameaçando.

GALILEU — É porque eu poderia incitar os camponeses dele e a criadagem e os administradores a pensar idéias novas.

FEDERZONI — Mas como? Nenhum deles sabe latim.

GALILEU — Eu poderia escrever na língua do povo, para muitos, em vez de escrever em latim, para poucos. Para as novas idéias nós precisamos de gente que trabalhe com as mãos. Quem, senão eles, quer saber a causa das coisas? Os que só vêem o pão na mesa não querem saber como ele foi assado; essa canalha gosta mais de agradecer a Deus que ao padeiro. Já os que fazem o pão compreenderão que nada se move que não seja movido. A sua irmã, Fulgenzio, lá na prensa de azeitonas, não há de ficar muito surpresa, talvez até dê risada, quando souber que o Sol não é um brasão dourado, mas uma alavanca: a Terra se move porque é movida pelo Sol.

LUDOVICO — O senhor será um eterno escravo de suas paixões. Transmita as minhas desculpas a Virginia; penso que é melhor não vê-la agora.

GALILEU — O dote está sempre à sua disposição.

LUDOVICO — Bom-dia. *Sai*.

ANDREA — Recomendações a todos os Marsili!

FEDERZONI — Que mandam parar a Terra para não abalar os seus castelos!

ANDREA — E aos Genzi e aos Villani!

FEDERZONI — E aos Cervilli!

ANDREA — Aos Lecchi!

FEDERZONI — Aos Pirleoni!

ANDREA — Que beijam os pés ao papa só se ele usá-los para pisar o povo.

O PEQUENO MONGE *também junto aos aparelhos* — O novo papa será um homem esclarecido.

GALILEU — E assim partimos para a observação das manchas solares,

que muito nos interessam, mas por nossa própria conta e risco, sem confiar em demasia na proteção de um novo papa.

ANDREA *interrompendo* — Mas com a esperança segura de refutar as sombras estelares do senhor Fabrizio e os vapores solares de Praga e de Paris, e de provar a rotação do Sol.

GALILEU — Com alguma esperança de provar a rotação do Sol. O meu propósito não é provar que era eu quem tinha razão, mas de verificar se tinha. Eu digo: deixai toda esperança, ó vós que quereis observar. Talvez sejam vapores, talvez sejam manchas, mas antes de acreditar que sejam manchas, o que nos seria favorável, vamos supor que sejam rabos de sardinha. Sim, senhores, nós vamos avançar com botas de sete léguas, mas a passo de caracol. E o que nós provarmos hoje, amanhã apagaremos do quadro, e só voltaremos a escrevê-lo quando estiver comprovado outra vez. E quando estiver provado o que desejamos provar, toda a desconfiança será pouca. Portanto, começamos a nossa observação do Sol com o propósito *inabalável* de provar a imobilidade da Terra! E só quando tivermos fracassado, inteiramente derrotados e sem esperança, e lambendo as nossas feridas na mais negra tristeza, só então, só então perguntaremos se a razão não teria estado sempre conosco, se não é a Terra que gira! *Piscando*. Mas se acaso as outras teorias todas, salvo esta, se desfizerem nas nossas mãos, então não haverá mais piedade para os que falam sem ter pesquisado. Tirem o pano do telescópio, e apontem para o Sol! *Regula o refletor*.

O PEQUENO MONGE — Eu sabia que o senhor já tinha começado a trabalhar. Percebi quando o senhor não reconheceu o Marsili.

Eles trabalham em silêncio. Quando a imagem chamejante do Sol aparece sobre a tela, entra Virginia, vestida de noiva, correndo.

VIRGÍNIA — Você mandou-o embora, papai!
Ela desmaia. Andrea e o Pequeno Monge acorrem.

GALILEU — Eu vou saber.

10

NO DECÊNIO SEGUINTE O ENSINAMENTO DE GALILEU SE DIFUNDE ENTRE O POVO. EM TODA PARTE PANFLETISTAS E JOGRAIS EMPUNHAM AS NOVAS IDÉIAS. NA TERÇA-FEIRA DE CARNAVAL DE 1632, EM MUITAS CIDADES DA ITÁLIA, O DESFILE ALEGÓRICO DAS CORPORações REPRÉSENTA A ASTRONOMIA

Praça do mercado. Entra um casal de saltimbancos famintos, trazendo uma menina de cinco anos e um recém-nascido. A multidão, em parte mascarada, está à espera da procissão carnavalesca. Os dois carregam trouxas, um tambor e outros utensílios.

O JOGRAL *batendo no tambor* —

Prezados habitantes, senhoras e senhores, antes da procissão carnavalesca das corporações, vamos apresentar a mais recente canção florentina, cantada em todo o Norte da Itália, e que para aqui importamos com grande despesa. Ela se intitula: A Temibirrível Doutrina e Opinião do Senhor Físico da Corte, Galileu Galilei, ou Um Gostinho do Futuro. *Canta* —

Por colossal milagre do poder divino
Onde não tinha um gato o mundo apareceu
E vejamos no que deu. No princípio era o caos.

Mas sendo amigo da clareza, disse Deus
Ao Sol que doravante andasse de lanterna
Sempre acesa a serviço da princesa Terra.
Daria além da luz um fino exemplo ao povo
De trabalho sem fim, sem paga e sem tristeza.
Mais clara analogia não existe, e Deus
Encerra o seu discurso com primor, lembrando
Ao ínfimo a obediência que ele deve ao superior.

E assim, na lei do preceito divino vão girando
Em torno dos de cima os inferiores
Em torno dos da frente os posteriores
Assim na Terra como no Céu.

E em torno do papa circulam os cardeais,
 E em torno dos cardeais circulam os bispos,
 E em torno dos bispos circulam os secretários,
 E em torno dos secretários circulam os funcionários,
 E em torno dos funcionários circulam os artesãos,
 E em torno dos artesãos circulam os servos,
 E em torno dos servos circulam os cães, os frangos e os mendigos.

Esta, minha gente, é a grande ordem, *ordo ordinum*,
 como dizem os senhores teólogos, *regula aeternis*, a regra das
 regras, mas o que é, meu bom povo, que veio depois? *Canta* —

De um salto ergueu-se o douto Galilei,
 Botou fora a Bíblia, sacou do telescópio,
 Lançou um olhar ao Universo
 E disse ao Sol: parado, Sol! Parado!
 De agora em diante a *creatio Dei*
 Vai virar, virará pro outro lado.
 De agora em diante a moça fina, ei!
 Virará! Vai servir o seu criado.

Mas, ai, que acinte inaudito! Minha gente,
 não é biscoito!

Sinto que vou ter um faniquito. O Benedito pediu
 a educação!

Mas vamos ser francos, somos brancos, temos
 conta nos bancos:

Passar mal e passar bem, ser mandado e ser mandão, que
 desproporção!

Prezados habitantes, tais doutrinas são inteiramente impossíveis.

Canta —

Pois ficaria o valete tocado de preguiça,
 A criada, deitada com tontura,
 O cachorro sofrendo de gordura, e
 Na cama o sacristão, e não na missa.
 Não, não, não! A Bíblia, minha gente, não é brinquedo
 Se o cabo não é grosso, moço, não prende o pescoço, e
 adeus civilização!

Pois vamos ser francos, somos brancos, temos conta nos
 bancos:
 Passar mal e passar bem, ser mandado e ser mandão, que
 desproporção!

Meu prezado povo, agora vamos olhar o futuro, tal como é previsto
 pelo sábio Doutor Galileu Galilei. *Canta* —

A madama quer comprar
 O bom peixe do lugar
 A peixeira pega um pão
 Come o peixe e diz que não.
 O pedreiro faz a casa
 Pá e pedra não são dele
 Quando a casa terminou
 Ele mesmo se abancou.

E o mundo não acabou? Não, não, não, isto não é brinquedo!
 Se o cabo não é grosso, moço, não prende o pescoço, e adeus
 civilização!

Pois vamos ser francos, somos brancos, temos conta nos bancos:
 Passar mal e passar bem, ser mandado e ser mandão, não é a mesma
 coisa não!

O colono chuta os búndios
 Do senhor dos latifúndios
 E a empregada do chiqueiro
 Come carne o ano inteiro.

Não, não, não, minha gente! A Bíblia não é brinquedo!
 Se o cabo não é grosso, moço, não prende o pescoço, e adeus
 civilização!

Pois vamos ser francos, somos brancos, temos conta nos bancos:
 Passar mal e passar bem, ser mandado e ser mandão, que
 desproporção!

A MULHER DO JOGRAL —

Outro dia entrei na roda
 Ao meu estrelo fui dizendo:
 O que cê faz eu sei de cor
 Só não sei se outro não faz melhor.

O JOGRAL —

Não, não, não, não, não, não! Pare, Galileu, que eu paro!
Sem coleira e focinheira, o cachorro faz besteira, dá só
confusão!
Pois vamos ser francos, somos brancos, e é claro que o prazer
é raro:
Passar mal e passar bem, ser mandado e ser mandão, haverá
comparação?

Os Dois —

Ó vós que viveis vida miserável,
Buscai, avante! as ganas que restaram
E ouvi do bom Doutor Galelilou
Da vida breve o grande B-OU-BOU.
O carneiro é o pior exemplo e a nós todos desgraçou!
Passar mal e passar bem, passar bem é que convém!

O JOGRAL — Prezados habitantes, vejam a fenomenal descoberta de
Galileu Galilei: a Terra girando em volta do Sol!

Rufa o tambor com violência. A mulher e a criança avançam. A mulher segura uma imagem grosseira do Sol, e a criança traz uma melancia no alto da cabeça, imagem da Terra. O tambor bate espaçadamente; a cada batida, a menina avança um passo abrupto, em volta da mulher. O jogral aponta para ela com um gesto exaltado, como se a criança executasse um perigoso salto mortal. Depois ouve-se outro rufo, ao fundo.

UMA VOZ GROSSA grita — A procissão!

Entram dois homens esfarrapados, puxando um carrinho. Sentado num trono ridículo está agora “o Grão-Duque de Florença”, uma figura vestida de estopa e de coroa de papelão, com o olho aplicado a um telescópio. No alto do trono, um cartaz: “Comeu e não gostou”. Em seguida, a passo de marcha, entram quatro mascarados, carregando um toldo grande. Param e jogam para o alto um boneco, representando um cardeal. Um pouco à parte, aparece um anão com um cartaz: “A nova era”. Um mendigo se destaca da multidão, ergue-se e procura dançar sobre as suas muletas, até cair ao chão, com grande estardalhaço. Entra um boneco gigantesco, Galileu Galilei, que se inclina diante do público. À sua frente, uma criança carrega uma Bíblia enorme, aberta, com as folhas riscadas em X.

O JOGRAL — Galileu Galilei, o mata-bíblias!
Grãdes risadas da massa.

11

1633. A INQUISIÇÃO CONVOCA A ROMA O GRANDE CIENTISTA DE REPUTAÇÃO MUNDIAL

A planície é quente, a altura é fria,
A rua é cheia, a corte é vazia.

Vestíbulo e escada do palácio dos Mediei, em Florença. Galileu e a filha esperam que o grão-duque os receba.

VIRGÍNIA — Está demorando.

GALILEU — Está.

VIRGÍNIA — Olhe o homem que estava nos seguindo. *Aponta um indivíduo que passa sem lhes dar atenção.*

GALILEU *cujos olhos estão prejudicados* — Eu nunca o vi.

VIRGÍNIA — Pois eu o vi várias vezes ultimamente. Ele me dá medo.

GALILEU — Que bobagem! Nós estamos em Florença, não estamos entre bandidos corsos.

VIRGÍNIA — Olhe o Reitor Gaffone chegando.

GALILEU — Desse eu tenho medo. O imbecil vai puxar conversa, e depois não pára mais.

Gaffone, reitor da universidade, desce as escadas. É visível o seu susto quando percebe Galileu: vira o rosto, perde o natural e passa pelos dois quase sem os cumprimentar.

GAULEU — O que deu nele? Meus olhos hoje estão ruins. Ele chegou a cumprimentar?

VIRGÍNIA — Quase nada. Do que trata o seu livro? Eles podem ter achado heresia?

GALILEU — Você anda demais pelas igrejas. Essa mania de missa, de levantar cedo, vai acabar de estragar a sua pele. É por mim que você reza, não é?

VIRGÍNIA — Olhe o Vanni, da fundição; não foi você que projetou a oficina dele? Não esqueça de agradecer as codornas.

Um homem desceu as escadas.

VANNI — Ah! Galileu, o senhor gostou das codornas que lhe mandei?

GALILEU — Excelentes codornas, mestre Vanni, muito obrigado mais uma vez.

VANNI — Lá em cima falavam na sua pessoa. Dizem que o senhor é responsável pelos panfletos contra a Bíblia que estão à venda em toda parte.

GALILEU — De panfletos eu não estou sabendo. A Bíblia e Homero são as minhas leituras prediletas.

VANNI — Mas mesmo que não fosse assim, quero aproveitar a ocasião para lhe garantir que nós da manufatura estamos do seu lado. Não sou homem que entenda muito do movimento das estrelas, mas para mim o senhor é o homem que luta pela liberdade de ensinar coisas novas. Por exemplo, essa charrua mecânica dos alemães, que o senhor me descreveu. Só no ano passado apareceram cinco volumes sobre agricultura, em Londres. Nós aqui ficaríamos gratíssimos por um livro sobre os canais holandeses. Os círculos que se opõem ao senhor são os mesmos que em Bolonha impedem os médicos de abrir cadáveres para pesquisa.

GALILEU — As suas palavras serão ouvidas, Vanni.

VANNI — É o que espero. O senhor sabe que em Amsterdã e em Londres existem mercados de dinheiro? E escolas de artes e ofícios? Jornais publicados regularmente, com notícias. Aqui não temos sequer a liberdade de ganhar dinheiro. Eles são

contra as fundições de ferro, acham que a reunião de muitos trabalhadores em um lugar favorece a imoralidade! A sua causa, Galileu, é a minha, é a mesma! Se alguém, por acaso, tentar alguma coisa contra o senhor, por favor, lembre-se de que tem amigos em todos os ramos da indústria; todas as cidades do Norte da Itália estão do seu lado.

GALILEU — Que eu saiba, ninguém pretende me fazer mal.

VANNI — Não?

GALILEU — Não.

VANNI — Na minha opinião, o senhor estaria mais seguro em Veneza, onde há menos batinas. Lá, sim, daria para comprar essa briga. Eu tenho cavalos e um coche, senhor Galileu.

GALILEU — Eu não penso em mim como um refugiado. Eu prezo a minha comodidade.

VANNI — Claro, mas, a julgar pelo que ouvi lá em cima, o tempo é pouco. Tenho a impressão de que neste momento preferiam que o senhor não estivesse em Florença.

GALILEU — Bobagem. O grão-duque é meu aluno e, além disso, qualquer tentativa de me enredar chegaria ao papa, que diria “não” com toda a firmeza.

VANNI — Parece que o senhor não distingue os seus amigos de seus inimigos, Galileu.

GALILEU — Eu sei a diferença entre o poder e a impotência. *Afasta-se abruptamente.*

VANNI — Bom, eu lhe desejo boa sorte. *Sai.*

GALILEU *de volta, junto a Virgínia* — Toda criatura queixosa neste país me escolhe como paraninfo, especialmente em lugares onde isso não me ajuda nem um pouco. Escrevi um livro sobre a mecânica do universo, mais nada. O que fizerem dele, ou não fizerem, não me interessa.

VIRGÍNIA *em voz alta* — Se as pessoas soubessem quanto você desaprovou a última noite de carnaval, que foi o mesmo horror em toda parte!

GALILEU—É. Você dá mel a um urso, e perde o braço se o bicho estiver com fome!

VIRGÍNIA *baixo* — Mas o grão-duque pediu que você viesse hoje?

GALILEU — Não, mas avisei que vinha. Ele quer o livro, e já pagou. Vá reclamar com o funcionário que isso aqui não é lugar de esperar.

VIRGÍNIA *seguida pelo indivíduo, vai e fala a um funcionário* — Senhor Mincio, Sua Alteza foi avisada de que o meu pai está esperando?

O FUNCIONÁRIO — E eu sei?

VIRGÍNIA — Isso não é maneira de responder.

O FUNCIONÁRIO — Não?

VIRGÍNIA — O senhor devia ser mais educado.
O funcionário lhe volta as costas e boceja, olhando o indivíduo.

VIRGÍNIA *voltando* — Ele disse que o grão-duque ainda está ocupado.

GALILEU — Você disse qualquer coisa de “educado”, o que foi?

VIRGÍNIA—Eu disse “obrigada”, agradei a informação. Você não quer deixar o livro entregue aqui? É tempo que você está perdendo.

GALILEU — Às vezes já não sei o que vale esse meu tempo. Quem sabe aceito o convite de Sagredo, e passo umas semanas em Pádua. Boa a minha saúde não está.

VIRGÍNIA — Você não vive sem os seus livros.

GALILEU — Uns dois caixotes de vinho siciliano a gente podia levar no coche.

VIRGÍNIA — Mas você diz que ele estraga com a viagem. E a corte está lhe devendo três meses de salário, que eles não vão mandar.

GALILEU — Isso é verdade.
O Cardeal Inquisidor vem descendo as escadas.

VIRGÍNIA — O Cardeal Inquisidor.
De passagem, ele faz uma curvatura profunda diante de Galileu.

VIRGÍNIA — Que faz o cardeal em Florença, pai?

GALILEU — Não sei. O cumprimento dele foi dos mais cerimoniais. Eu sabia o que estava fazendo, quando vim a Florença. Passei estes três anos de boca fechada, e eles me elogiaram tanto, que agora têm de me engolir do jeito que sou.

O FUNCIONÁRIO *anuncia* — Sua Alteza o Grão-Duque!
Cosmo de Medici desce as escadas. Galileu avança em sua direção.
Cosmo pára, um pouco vexado.

GALILEU—Alteza, são os meus diálogos sobre os dois maiores sistemas astronômicos, eu queria...

COSMO — Não há dúvida. Os seus olhos como estão?

GALILEU — Podiam estar melhores, Alteza. Se Vossa Alteza permite, o livro...

COSMO—O estado dos seus olhos me preocupa, me preocupa de fato. É a prova de que o senhor vem usando o seu excelente telescópio, digamos, com excesso de zelo, hein?
Afasta-se, sem receber o livro.

GALILEU — Ele não pegou o livro, você viu?

VIRGÍNIA — Pai, eu estou com medo.

GALILEU *em voz baixa e firme* — Esconda o sentimento. Nós não vamos daqui para casa. Nós vamos para a casa do vidreiro Volpi. Tenho um trato com ele; no pátio da taverna ao lado está sempre um carro pronto, com barris vazios, que pode me levar para fora da cidade.

VIRGÍNIA — Você sabia...

GALILEU — Não olhe para trás.
Querem sair.

UM ALTO FUNCIONÁRIO *descendo as escadas* — Senhor Galileu, estou encarregado de informá-lo de que a corte florentina não tem mais condições de opor resistência ao desejo da Sagrada Inquisição de inquirir o senhor em Roma. O carro da Sagrada Inquisição está à sua espera, senhor Galileu.

12

O PAPA

Aposento do Vaticano. O Papa Urbano VIII — antes Cardeal Barberini — recebe o Cardeal Inquisidor. É paramentado durante a audiência. Do lado de fora, o ruído de muitos pés.

O PAPA *em voz altíssima* — Não! Não Não!

O INQUISIDOR — Portanto, Sua Santidade vai lhes dizer, aos doutores de todas as faculdades, que estão se reunindo agora, aos representantes de todas as ordens eclesiásticas e da totalidade do clero — os quais em sua fé infantil na palavra de Deus, tal como está revelada na Escritura, vieram receber de Sua Santidade a confirmação em sua fé — Sua Santidade vai lhes dizer que a Escritura não pode mais ser dita verdadeira?

O PAPA — Eu não vou deixar que rasguem a matemática. Não!

O INQUISIDOR — Essa gente afirma que é da matemática que se trata e não do espírito da rebeldia e da dúvida. Mas não é de matemática que se trata. É uma inquietação horrenda que se estende pelo mundo. É a inquietação de seu próprio cérebro que eles transpuseram para a terra imóvel. Eles gritam: são os números que nos convencem! Mas os números de onde vêm? Qualquer um sabe que eles vêm da dúvida. Esses homens duvidam de tudo. Será na dúvida, e não mais na fé, que iremos fundar a

sociedade humana? “Você é meu senhor, mas duvido que isto seja bom.” “Estas são a tua casa e a tua mulher, mas duvido que isto seja justo, acho que deviam ser minhas.” Por outro lado, o amor de Sua Santidade pelas artes é caluniado, embora lhe devamos coleções tão bonitas; sofre interpretações malignas, como a que se lê nos muros das casas romanas: “O que os bárbaros deixaram a Roma, os Barberini lhe roubam”. E no estrangeiro? Deus houve por bem submeter o santo trono a provas difíceis. A política espanhola de Sua Santidade não é compreendida por certos homens, a que falta visão; lamentam as desavenças com o imperador. Há três lustros já que a Alemanha é um açougue e os homens se estraçalham com versos bíblicos nos lábios. E agora, quando a peste, a guerra e a Reforma reduziram a cristandade a uns poucos restos, a Europa é percorrida por um boato de que o senhor é aliado secreto da Suécia luterana, para enfraquecer o imperador católico. E é nesta hora que esses vermes de matemáticos apontam o seu telescópio para o céu e comunicam ao mundo que também aqui, no único espaço que até agora não fora contestado a Sua Santidade, que também aqui Sua Santidade está mal. É o caso de exclamar: que interesse tão súbito numa ciência tão remota como a astronomia! O giro dessas esferas não será indiferente? Mas na Itália inteira — onde todos, até o limpador de estábulos, falam nas fases de Vênus, por causa do exemplo maligno desse florentino — na Itália inteira não há ninguém que não pense ao mesmo tempo nas muitas coisas penosas que na escola e noutros lugares são ditas incontestáveis. Qual seria o resultado se essa gente toda, fraca na carne e inclinada a qualquer excesso, acreditasse exclusivamente na sua razão, que esse desvairado proclama como a única autoridade! Depois de duvidar que o Sol tenha parado sobre Gibeão, eles vão estender a sua dúvida porca às coletas da Igreja. Desde que eles atravessaram os mares — eu não tenho nada contra isso — não confiam mais em Deus, confiam numa esfera de latão, a que chamam bússola. Desde moço esse Galileu já escrevia sobre máquinas. Eles querem fazer milagres com as máquinas. E que milagres? De Deus, em todo caso, eles já não precisam. Quanto aos milagres, o alto e o baixo, só para dar um exemplo, deixarão de existir. Também disto eles não precisam. Aristóteles, que de resto é considerado uma múmia,

diz — e isto eles citam: “Se a roca fiasse sozinha e se a cítara tocasse sozinha, os mestres não precisariam de oficiais, nem os senhores de criados”. Eles julgam que chegaram a esse ponto. Esse homem ruim sabe o que faz quando não redige os seus trabalhos em latim, mas na língua das peixeiras e dos mercados.

O PAPA — Isso é prova de muito mau gosto, eu vou dizer a ele.

O INQUISIDOR — Uns ele açula, outros ele suborna. As cidades marítimas do Norte pedem os mapas celestes de Galileu com urgência, por causa dos navios. Vai ser preciso ceder, são interesses materiais.

O PAPA — Mas esses mapas dependem das heresias que ele afirma. Trata-se justamente das tais estrelas, dos movimentos que não podem existir caso se recuse a doutrina dele. Não se pode condenar a doutrina e aceitar os mapas.

O INQUISIDOR — Por que não? Não se pode é fazer outra coisa.

O PAPA — Esse rumor me dá nos nervos. O senhor me perdoe.

O INQUISIDOR — Talvez esse rumor fale melhor a Sua Santidade do que eu. Esses todos, quando se forem daqui, irão com a dúvida no coração?

O PAPA — Afinal de contas, o homem é o maior físico deste tempo, a luz da Itália, não é um confucionista qualquer. Ele tem amigos. Versalhes. A corte de Viena. Vão dizer que a Santa Igreja é uma fossa de preconceitos apodrecidos. Não ponham a mão nele!

O INQUISIDOR — Na prática, não será preciso ir longe. É um homem da carne. Ele cederá imediatamente.

O PAPA — Ele conhece mais prazeres que qualquer outro homem que eu tenha encontrado. Ele pensa por sensualidade. A um vinho velho, a uma idéia nova ele não sabe dizer não. Eu não quero a condenação dos fatos da física, não quero que gritem “a Igreja para cá, a razão para lá!”. Eu permiti o livro dele, desde que no final dissesse que a última palavra não é da ciência, mas

da fé. Ele cumpriu o trato.

O INQUISIDOR — Mas de que maneira? No livro dele argumentam dois homens, um estúpido, que naturalmente defende as idéias de Aristóteles, e um inteligente, que também naturalmente defende as idéias do senhor Galileu; e a palavra final está na boca de quem, Sua Santidade?

O PAPA — Mais essa agora! Quem diz a nossa palavra?

O INQUISIDOR — Não é o inteligente.

O PAPA — É, isso é uma impertinência. Eu não agüento mais essa balbúrdia no corredor. Será que vem o mundo inteiro?

O INQUISIDOR — Inteiro não, mas a sua melhor parte.

Pausa. O Papa está inteiramente paramentado.

O PAPA — O extremo dos extremos é que lhe mostrem os instrumentos.

O INQUISIDOR — Será suficiente, Sua Santidade. O senhor Galileu entende de instrumentos.

13

GALILEU GALILEI, DIANTE DA INQUISIÇÃO, EM 22 DE JUNHO DE 1633, RENEGA A SUA DOCTRINA DO MOVIMENTO DA TERRA

Foi um dia de junho de importância capital:
Razão e Povo se cruzaram, e por pouco não casaram.
Mas ninguém notou, pois nada mudou, e a tarde
passou.

No palácio do embaixador florentino em Roma. Os alunos de Galileu esperam notícias. O Pequeno Monge e Federzonifazem grandes movimentos, jogando o novo xadrez. Virginia, ajoelhada num canto, reza o rosário.

O PEQUENO MONGE — Ele não foi recebido pelo papa. Acabaram-se as discussões científicas.

FEDERZONI—Para ele, era a última esperança. Era verdade o que opapa tinha dito em Roma, há muitos anos, quando era Cardeal Barberini: nós precisamos de você. Precisaram e pegaram.

ANDREA — Eles vão acabar com ele. Os *Discorsi* não vão ser terminados.

FEDERZONI *lança um olhar furtivo* — Você acha?

ANDREA — Ele não renega jamais.
Pausa.

O PEQUENO MONGE—A insônia dá idéias que não adiantam nada. Passei a noite repetindo que ele não devia nunca ter saído da República de Veneza.

ANDREA — Mas lá não havia condições para escrever o livro dele.

FEDERZONI — Que em Florença não havia condições para publicar.
Pausa.

O PEQUENO MONGE—Também fiquei pensando se tomaram a pedrinha que ele usava no bolso. A pedra da evidência.

FEDERZONI — Para onde ele vai, não se leva bolso.

ANDREA *gritando* — Eles não vão ter a coragem! E mesmo se tiverem, ele não vai renegar. “ Quem não sabe a verdade é estúpido e mais nada. Mas quem sabe, e diz que é mentira, esse é um criminoso. ”

FEDERZONI — Eu também acho que não, e não quero mais viver se não for assim, mas eles têm a força.

ANDREA — A força não pode tudo.

FEDERZONI — Talvez não.

O PEQUENO MONGE *baixo* — Ele passou vinte e três dias na cela. O

interrogatório foi ontem. Hoje foi a sessão. *Em voz alta, pois percebe que Andrea está ouvindo.* Quando eu vim visitá-lo, dois dias depois do Decreto de 1616, nós sentamos ali adiante, e ele me mostrou a estátua de Príapo no jardim, perto do solário — daqui dá para ver — e comparou a sua obra a uma poesia de Horácio, em que também não havia nada que se pudesse mudar. Ele falava do senso da beleza, que força a procurar a verdade. E citou uma frase: *Hieme etaestate, etprope etprocul, usque dum vivam et ultra.* Estava pensando na verdade.

ANDREA *ao Pequeno Monge*—Você já contou ao Federzoni a história do Collegium Romanum? O jeito dele enquanto examinavam o telescópio? Conte! *O Pequeno Monge sacode a cabeça.* Era o jeito de sempre. As mãos plantadas na bunda, a barriga para a frente, e dizendo: meus senhores, vamos raciocinar! *Rindo ele imita Galileu.*

Pausa.

ANDREA *referindo-se a Virginia* — Ela está rezando para que ele renegue.

FEDERZONI—Deixe. Virginia está confusa depois que falaram com ela. Eles mandaram vir o seu confessor de Florença.
Entra o Indivíduo do palácio do Grão-Duque de Florença.

O INDIVÍDUO — Daqui a pouco o senhor Galileu estará aqui. Ele pode precisar de uma cama.

FEDERZONI — Ele foi solto?

O INDIVÍDUO — Espera-se que o senhor Galileu renegue às cinco da tarde, numa sessão da Inquisição. O sino grande de São Marcos vai tocar, e o texto da retratação será anunciado publicamente.

ANDREA — Eu não acredito.

O INDIVÍDUO — Por causa dos ajuntamentos na rua, o senhor Galileu sairá pela porta do jardim, atrás do palácio. *Sai.*

ANDREA *subitamente, em voz alta*—A Lua é uma Terra e não tem luz própria. Assim também Vênus, que não tem luz própria e é

como a Terra e gira em torno do Sol. E há quatro luas girando em torno da estrela Júpiter, que está na altura das estrelas fixas e não está fixada em esfera alguma. E o Sol é o centro do mundo, imóvel em seu lugar, e a Terra não é o centro nem é imóvel. Foi ele quem nos ensinou.

O PEQUENO MONGE—E a violência não pode tornar não-vista uma coisa que foi vista.

Silêncio.

FEDERZONI *olhando o solário do jardim* — Cinco horas.
Virginia reza mais alto.

ANDREA — Não, eu não agüento mais esperar! Eles estão decapitando a verdade!

Ele tapa os ouvidos, o Pequeno Monge também. Mas o sino não toca. Depois de uma pausa, ocupada pelo murmúrio das rezas de Virginia, Federzoni sacode a cabeça como quem nega. Os outros deixam cair as mãos.

FEDERZONI *rouco* — Nada. Passaram três minutos das cinco.

ANDREA — Ele resistiu.

O PEQUENO MONGE — Ele não renega!

FEDERZONI — Não. Felizes que somos!
Eles se abraçam. Estão eufóricos.

ANDREA—Portanto: a força não resolveu! Ela não pode tudo! Portanto, a estupidez será vencida, ela não é invulnerável! Portanto, o homem não teme a morte!

FEDERZONI — Este é o começo verdadeiro da idade do saber. Esta é a hora do seu nascimento. Pensem só, se ele tivesse renegado!

O PEQUENO MONGE—Eu não dizia, mas o meu medo era grande. Como eu sou mesquinho!

ANDREA — Mas eu sabia.

FEDERZONI—Teria sido como se de manhã cedo a noite recomeçasse.

ANDREA — Como se a montanha dissesse: eu sou água.

O PEQUENO MONGE *ajoelha, chorando* — Senhor, eu te agradeço!

ANDREA — Mas hoje tudo mudou! O homem, o torturado, ergue a cabeça e diz: eu vou viver. É tanto o ganho quando um só que seja se levanta e diz NÃO!

Nesse instante ecoa o sino de São Marcos. Paralisia.

VIRGINIA *levantando-se* — O sino de São Marcos! Ele não foi excomungado!

Ouve-se a voz do arauto que lê nas ruas a retratação de Galileu.

A VOZ DO ARAUTO — “Eu, Galileu Galilei, professor de matemática e física na Universidade de Florença, abjuro o que ensinei: que o Sol seja o centro do mundo, imóvel em seu lugar, e que a Terra não seja centro nem imóvel. De coração sincero e fé não fingida, eu abjuro, detesto e maldigo todos esses enganos e essas heresias, assim como quaisquer outros enganos e pensamentos contrários à Santa Igreja.”

Escurece. Quando a luz volta, o sino ainda ecoa, para silenciar em seguida. Virginia saiu. Os alunos de Galileu continuam presentes.

FEDERZONI — Ele nunca lhe pagou direito pelo seu trabalho. Você não pôde comprar calças nem publicar trabalho seu. Você aceitava o prejuízo porque “nós trabalhávamos pela Ciência”!

ANDREA *em voz alta* — Infeliz a terra que não tem heróis!
Galileu entrou, inteiramente mudado pelo processo, quase irreconhecível. Ouvia a frase de Andrea. Para à porta, por alguns instantes, à espera de uma saudação. Como esta não vem, pois os discípulos recuam diante dele, ele vem para a frente, devagar e inseguro, por causa dos seus olhos enfraquecidos; encontra uma banqueta e senta.

ANDREA — Eu não posso mais vê-lo. Ele que vá embora.

FEDERZONI — Calma.

ANDREA *grita com Galileu* — Esponja de vinho! Comedor de lesmas! Salvou a sua pele bem-amada? *Senta.* Estou me sentindo mal.

GALILEU *calmo* — Tragam um copo d'água!

O Pequeno Monge saipara buscar um copo d'água. Os outros não se ocupam de Galileu, que está atento, em sua banquetta. Ouve-se novamente a voz do arauto à distância.

ANDREA — Já dá para andar, se vocês me ajudarem um pouco.

Sustentado pelos dois, ele sai pela porta. Nesse momento Galileu começa a falar.

GALILEU — Não. Infeliz a terra que precisa de heróis.

Leitura diante da cortina

“Não será claro que um cavalo pode quebrar as patas, se cair de uma altura de três braças ou quatro, enquanto que a um cão, como também a um gato, mesmo caindo de uma altura de oito ou dez braças, ou a um grilo que caísse do alto de uma torre, ou a uma formiga que viesse da Lua, não aconteceria nada? Assim como animais menores são relativamente mais resistentes e mais fortes que os maiores, também as plantas menores resistem melhor: uma nogueira de duzentas braças não poderia sustentar em proporção a massa de galhos que a nogueira pequena sustenta, e a natureza não pode deixar que um cavalo fique do tamanho de vinte cavalos, ou que um gigante cresça dez vezes, a não ser que altere a proporção de todos os seus membros, especialmente dos ossos, que precisam ser fortalecidos em medida muito maior que a proporcional. — A suposição comum, de que máquinas grandes e pequenas têm resistência igual, é claramente enganosa.”

Galileu Galilei, Discorsi.

14

1633-1642. GALILEU GALILEI VIVE NUMA CASA DE CAMPO NAS PROXIMIDADES DE FLORENÇA, PRISIONEIRO DA INQUISIÇÃO ATÉ SUA MORTE. OS *DISCORSI*

Mil seiscentos e trinta e três a
mil seiscentos e quarenta e dois:
Galileu Galilei é prisioneiro da Igreja
até a sua morte.

Uma sala grande, com mesa, poltrona de couro e um globo. Galileu, envelhecido esemicego, observa cuidadosamente o curso de uma pequena esfera de madeira, a qual corre sobre um trilho curvo, também de madeira; na ante-sala está um monge sentado, de guarda. Batem à porta. O Monge vai abrir, e entra um Camponês, trazendo dois gansos depenados. Virginia vem da cozinha. Ela agora está com quarenta anos.

O CAMPONÊS — É para entregar.

VIRGINIA — Quem é que mandou? Eu não encomendei ganso nenhum.

O CAMPONÊS — É para dizer que são de alguém que está de passagem. *Sai. Virginia, admirada, olha os gansos. O monge tira-lhe os gansos da mão, para examiná-los, com desconfiança. Depois, sossegado, devolve-os, e ela os leva pelo pescoço, para mostrá-los ao pai, na sala grande.*

VIRGINIA — Alguém que está de passagem mandou este presente para você.

GALILEU — O que é?

VIRGINIA — Você não vê daí?

GALILEU — Não. *Chega perto.* São gansos. Você não sabe quem mandou?

VIRGINIA — Não.

GALILEU *segura um ganso na mão* — O bicho é pesado. Acho que ainda como um pedaço.

VIRGINIA — Mas você não pode estar com fome outra vez, você acabou de jantar. A sua vista voltou a enfraquecer? Daí da mesa você devia estar vendo.

GALILEU — Você está na sombra.

VIRGINIA — Não estou na sombra. *Leva os gansos para fora.*

GALILEU — Ponha tomilho e maçã.

VIRGÍNIA *ao Monge* — Vai ser preciso chamar o oculista. Papai, da mesa, não enxergava os gansos.

O MONGE — Eu vou pedir autorização a monsenhor Carpula. Ele voltou a escrever, ele mesmo?

VIRGÍNIA — Não, ele dita e eu escrevo, o senhor sabe disso. O senhor está com as páginas 131 e 132, que foram as últimas.

O MONGE — O velho é uma raposa.

VIRGÍNIA — Ele não faz nada contra o regulamento. O remorso dele é sincero, e eu estou aqui para tomar conta. *Passa-lhe os gansos.* O senhor diga na cozinha que é para fritar o fígado com maçã e cebola. *Ela volta à sala grande.* E agora vamos pensar nos nossos olhos, vamos esquecer essa bolinha e ditar mais um pouco da nossa carta semanal ao arcebispo.

GALILEU — Não estou disposto. Leia um pouco de Horácio para mim.

VIRGÍNIA — Monsenhor Carpula, a quem devemos tanta coisa — as verduras outro dia—semana passada me disse que o arcebispo toda vez pergunta se você gosta das citações e das questões que ele manda. *Está sentada, pronta para o ditado.*

GALILEU — Onde é que eu tinha parado?

VIRGÍNIA — Seção IV: Quanto à posição da Santa Igreja diante da inquietação dos cordoeiros no arsenal de Veneza, estou de acordo com o juízo do cardeal Spoletti...

GALILEU — Sei. *Dita* — ...estou de acordo com o juízo do cardeal Spoletti, segundo o qual é melhor distribuir sopa entre os revoltados, em nome da caridade cristã, do que pagar-lhes mais pelo seu cordame — qjie aliás serve também aos campanários. Mormente porque parece mais sábio fortalecê-los em sua fé do que em sua ganância. O apóstolo Paulo diz: “A caridade não falha jamais”. — Como é que está isso?

VIRGÍNIA — Está maravilhoso, papai.

GALILEU — Você acha que não vão me suspeitar de ironia?

VIRGÍNIA — Não, o arcebispo vai ficar felicíssimo. Ele é muito prático.

GAULEU — Tenho confiança no seu juízo. Em seguida o que vem?

VIRGÍNIA — Uma frase maravilhosa: “Quando estou fraco é que estou mais forte”.

GALILEU — Sem comentário.

VIRGÍNIA — Mas por quê?

GALILEU — Em seguida o que vem;

VIRGÍNIA — “Conheci também a caridade de Cristo, que excede todo o entendimento.” Paulo aos Efésios, III, 19.

GALILEU — Agradeço a Vossa Eminência muito especialmente pela maravilhosa citação da Epístola aos Efésios. Estimulado por ela, fui encontrar outra frase, em nossa inimitável *Imitação. Cita de memória* — “Ele, a quem fala a palavra eterna, está livre das muitas perguntas.” Peçovênia, nesta ocasião, para falar de mim mesmo. Até hoje me repreendem porque outrora usei da língua do mercado para escrever um livro sobre os corpos celestes. Não era minha intenção propor ou aprovar que se redigissem no jargão dos pasteleiros os livros de importância maior, como, por exemplo, os que tratam de teologia. Aliás, o argumento em favor da liturgia latina me parece pouco feliz—quando se apóia na universalidade dessa língua, a qual permitiria aos povos todos ouvir a santa missa de maneira igual; os blasfemadores, que estão sempre atentos, poderiam responder que assim povo algum entenderá o texto. Renuncio de bom grado à compreensão barata das coisas sagradas. O latim do púlpito protege a verdade eterna da Igreja contra a curiosidade dos ignorantes, e desperta confiança ao ser pronunciado pelos padres das classes inferiores, em cuja fala se conserva o acento do dialeto local.—Não, risque isso.

VIRGÍNIA — Tudo?

GALILEU — Tudo depois de teologia.

Ouvem-se batidas na porta. Virginia vai para o vestibulo. O monge abre a porta. É Andrea Sarti, agora um homem de meia-idade.

ANDREA — Boa-noite. Estou de passagem, vou deixar a Itália para trabalhar na Holanda, e me pediram que aproveitasse a viagem para vê-lo e levar notícias dele.

VIRGÍNIA — Eu não sei se ele o quer ver. Você não veio mais.

ANDREA — Pergunte a ele.

Galileu reconhece a voz. Está sentado, imóvel. Virginia entra na sala.

GALILEU — É Andrea?

VIRGÍNIA — É. Você quer que ele vá embora?

GALILEU *depois de uma pequena pausa* — Mande-o entrar.
Virginia traz Andrea.

VIRGÍNIA *ao Monge* — Não tem perigo. É um antigo aluno, de modo que agora é inimigo dele.

GALILEU — Deixe-nos a sós, Virginia.

VIRGÍNIA — Eu quero ouvir o que ele conta. *Senta.*

ANDREA *frio* — Como vai o senhor?

GALILEU — Chegue mais perto. Você o que está fazendo? Fale do seu trabalho. Ouvi dizer que é sobre hidráulica.

ANDREA — Fabrizio, de Amsterdã, manda saber como o senhor tem passado.

Pausa.

GALILEU — Eu estou passando bem. Dão-me muita atenção.

ANDREA — Direi a ele, com prazer, que o senhor está passando bem.

GALILEU — Ele ficará satisfeito. E você pode informá-lo de que vivo com o devido conforto. Aprofundidade do meu arrependimento me valeu o favor dos meus superiores, tanto que puderam me permitir algum trabalho científico, em escala modesta e sob controle eclesiástico.

ANDREA — Pois não. Também nós soubemos que a Igreja está satisfeita com o senhor. A submissão total surtiu efeito. É voz corrente que as autoridades estão felicíssimas, pois não apareceu obra alguma na Itália que afirmasse coisa nova, desde que o senhor se submeteu.

GALILEU *atento* — Infelizmente existem países que se furtam à tutela da Igreja. Receio que nesses países se aprimorem as doutrinas condenadas.

ANDREA — Também nesses países a sua retratação causou um retrocesso agradável à Igreja.

GALILEU — É verdade? *Pausa.* Descartes, nenhuma novidade? Paris?

ANDREA — Alguma. A notícia da sua retratação fez com que ele engavetasse um tratado sobre a natureza da luz.

Pausa prolongada.

GALILEU — Eu me inquieto por conta de alguns cientistas, amigos meus, que induzi em erro. Será que eles aprenderam com a minha retratação?

ANDREA — EU, para trabalhar em ciência, resolvi mudar para a Holanda. “Não permitem ao boi o que Júpiter não se permitia.”

GALILEU — Entendo.

ANDREA — Federzoni está polindo lentes outra vez, nalguma oficina em Milão.

GALILEU *ri* — Ele não sabe latim.

Pausa.

ANDREA—Fulgenzio, o nosso Pequeno Monge, abandonou a pesquisa e voltou para o seio da Igreja.

GALILEU — Sei.

Pausa.

GALILEU — A minha recuperação espiritual, os meus superiores a esperam para breve. O meu progresso é maior do que previam.

ANDREA — Pois não.

VIRGÍNIA — Louvado seja Deus.

GALILEU *áspero* — Vá ver os gansos, Virginia.
Virginia sai furiosa. Quando passa, o Monge fala com ela.

O MONGE — Eu não estou gostando desse sujeito.

VIRGÍNIA—Ele é inofensivo. O senhor mesmo está ouvindo. *Enquanto sai.* Nós recebemos um queijo fresco de cabra.

O Monge sai atrás dela.

ANDREA — Eu vou viajar durante a noite para atravessar a fronteira amanhã cedo. O senhor me dá licença?

GALILEU—Não sei por que você veio, Sarti. Para me agitar? Eu vivo com prudência, e penso com prudência, desde que estou aqui. E mesmo assim não deixo de ter as minhas recaídas.

ANDREA — Prefiro não afligi-lo, senhor Galileu.

GALILEU — Barberini dizia que era uma sarna. Ele mesmo não estava a salvo dela. Voltei a escrever.

ANDREA — É?

GALILEU — Eu terminei os *Discorsi*.

ANDREA — Os *Diálogos* sobre duas ciências novas: a mecânica e a queda dos corpos? Aqui?

GALILEU — Eles me dão tinta e papel. Os meus superiores não são tontos. Eles sabem que vícios arraigados não se arrancam de um dia para o outro. Eles me protegem das conseqüências desagradáveis, me tomando as folhas, uma por uma.

ANDREA — Meu Deus!

GALILEU — Você disse alguma coisa?

ANDREA—O senhor, lavrando água! Eles lhe dão papel e tinta para que o senhor se acalme! Como é que o senhor pôde escrever, com essa finalidade diante dos olhos?

GALILEU — Eu sou um escravo dos meus hábitos.

ANDREA — Os *Discorsi* nas mãos dos padres! E Amsterdã e Londres e Praga dariam tudo por eles!

GALILEU — Eu imagino as lamentações de Fabrizio, sacudindo a cabeça, mas em segurança, em Amsterdã.

ANDREA — Dois ramos novos do conhecimento, a mesma coisa que perdidos!

GALILEU — Certamente será animador, para ele e mais alguns outros, saber que pus em jogo os últimos e míseros restos de meu conforto para fazer uma cópia, atrás de minhas costas, por assim dizer, usando os restos de luz das noites claras de seis meses.

ANDREA — O senhor tem uma cópia?

GALILEU — A minha vaidade me impediu, até agora, de destruí-la.

ANDREA — Onde ela está?

GALILEU—“Se o teu olho te irrita, arranca o olho fora.” Quem quer que tenha escrito essa frase, sabia mais sobre o conforto do que eu. Suponho que seja o pináculo da estupidez entregar essa cópia. Mas como eu não consegui deixar o trabalho científico, tanto faz, vocês fiquem com ela. A cópia está no globo. Se você estiver

pensando em levá-la para a Holanda, a responsabilidade é toda sua. Nesse caso, você a teria comprado de alguém que tem acesso ao original, no Santo Ofício. *Andrea vai até o globo. Tira a cópia de dentro dele.*

ANDREA — Os *Discorsi! Folheia o manuscrito.*

ANDREA *lê* — “O meu propósito é expor uma ciência novíssima que trata de um assunto muito antigo, o movimento. Através de experimentos descobri algumas de suas propriedades que são dignas de ser conhecidas.”

GALILEU — Precisava empregar o meu tempo nalguma coisa!

ANDREA — Isto vai fundar uma nova física.

GALILEU — Ponha debaixo do casaco.

ANDREA — E nós achávamos que o senhor tinha desertado. A minha voz era a que gritava mais alto contra o senhor!

GALILEU — É assim que devia ser. Eu lhe ensinei a ciência, e eu abjurei a verdade.

ANDREA — Isto muda tudo. Tudo.

GALILEU — É?

ANDREA — O senhor escondeu a verdade, diante do inimigo. Também no campo da ética o senhor estava séculos adiante de nós.

GALILEU — Explique isso, Andrea.

ANDREA — Como o homem da rua, nós dizíamos: ele vai morrer, mas não renega jamais. O senhor voltou: eu reneguei, mas vou viver. Nós dizíamos: as mãos dele estão sujas. O senhor diz: melhor sujas do que vazias.

GALILEU — Melhor sujas do que vazias. A frase é realista. Podia ser minha. Ciência nova, ética nova.

ANDREA — Eu, mais do que os outros, devia ter compreendido! Eu tinha onze anos quando o senhor vendeu o telescópio de um outro ao Senado de Veneza. E vi o emprego imortal que o senhor deu a esse instrumento. Os seus amigos balançavam a cabeça quando o senhor se curvava diante do menino, em Florença: a ciência ganhou público. Já naquele tempo o senhor ria dos heróis. “Homens que sofrem me caceteiam”, era o que o senhor dizia. “A desgraça provém de cálculos imperfeitos.” E “diante dos obstáculos, o caminho mais curto entre dois pontos pode ser a curva”.

GALILEU — Eu me recordo.

ANDREA — E se depois, em 33, o senhor achou preferível abjurar um aspecto popular de suas doutrinas, eu deveria compreender que o senhor fugia meramente a uma briga política sem chances, mas fugia para avançar o trabalho verdadeiro da ciência.

GALILEU — Que consiste...

ANDREA — No estudo das propriedades do movimento, que é pai das máquinas, as quais — e somente elas — farão a Terra habitável a tal ponto que o céu possa ser abolido.

GALILEU — Htim!

ANDREA — O senhor conquistou o sossego necessário para escrever uma obra de ciência, que ninguém mais poderia escrever. Se o senhor acabasse em chamas na fogueira, os outros é que teriam vencido.

GALILEU — Eles venceram. E não existe obra de ciência que somente um homem possa escrever.

ANDREA — Então por que o senhor abjurou?

GALILEU — Eu abjurei porque tive medo da dor física.

ANDREA — Não!

GALILEU — Eles me mostraram os instrumentos.

ANDREA — Então não foi um plano.

GALILEU — Não foi.

Pausa.

ANDREA *em voz alta* — A ciência só conhece um mandamento: a contribuição científica.

GALILEU — E essa eu dei. Bem-vindo à sarjeta, irmão na ciência e compadre na traição! Você gosta de peixe? Eu tenho peixe. O que fede não é meu peixe, sou eu. Eu estou em liquidação, você é freguês. Ó irresistível sedução do livro, essa mercadoria sagrada! Corre água na boca, e as maldições se afogam. A Grande Babilônia, a besta assassina afasta as coxas, e tudo mudou! Santificada seja a nossa congregação de traficantes e puxa-sacos mortos de medo de morrer!

ANDREA — O medo da morte é humano. Fraquezas humanas não têm nada a ver com a ciência.

GALILEU—Não! Meu caro Sarti, mesmo em meu estado presente ainda me sinto capaz de lhe dar algumas indicações relativas a várias coisas que têm tudo a ver com a ciência, com a qual o senhor se comprometeu.

Uma pequena pausa.

GALILEU *acadêmico, as mãos cruzadas sobre a barriga*—Em minhas horas de lazer, que são muitas, repassei o meu caso, e pensei sobre o juízo que o mundo da ciência — de que eu mesmo não me considero mais parte — deverá fazer a respeito. Mesmo um mercador de lã, afora comprar barato e vender caro, tem que pensar noutras coisas também: nas providências para que o comércio de lã corra sem empecilhos. A prática da ciência me parece exigir notável coragem, desse ponto de vista. Ela negocia com o saber obtido através da dúvida. Arranjando saber, a respeito de tudo e para todos, ela procura fazer com que todos duvidem. Ora, a parte maior da população é conservada, pelos seus príncipes, donos de terra e padres, numa bruma luminosa de superstições e afirmações antigas, que encobre as maquinações dessa gente. A miséria de muitos é velha como as montanhas, e, segundo os púlpitos e as cátedras, ela é in-

destrutível, como as montanhas. O nosso recurso novo, a dúvida, encantou o grande público, que arrancou o telescópio de nossas mãos, para apontá-lo para os seus carrascos. Esses homens egoístas e violentos, que se haviam aproveitado avidamente dos frutos da ciência, logo sentiram que o olho frio da ciência pousara numa miséria milenar, mas artificial, que obviamente poderia ser eliminada, através da eliminação deles. Eles nos cobriram de ameaças e de ofertas de suborno, irresistíveis para almas fracas. Entretanto, seremos ainda cientistas, se nos desligamos da multidão? Os movimentos dos corpos celestes se tomaram mais claros; mas os movimentos dos poderosos continuaram imprevisíveis para os seus povos. A luta pela mensuração do céu foi ganha através da dúvida; e a credulidade da dona-de-casa romana fará que ela perca sempre de novo a sua luta pelo leite. A ciência, Sarti, está ligada às duas lutas. Enquanto tropeça dentro de sua bruma luminosa de superstições e afirmações antigas, ignorante demais para desenvolver plenamente as suas forças, a humanidade não será capaz de desenvolver as forças da natureza que vocês descobrem. Vocês trabalham para quê? Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a cansaça da existência humana. E se os cientistas, intimidados pela prepotência dos poderosos, acham que basta amontoar saber, por amor do saber, a ciência pode ser transformada em aleijão, e as suas novas máquinas serão novas aflições, nada mais. Com o tempo, é possível que vocês descubram tudo o que haja por descobrir, e ainda assim o seu avanço há de ser apenas um avanço para longe da humanidade. O precipício entre vocês e a humanidade pode crescer tanto, que ao grito alegre de vocês, grito de quem descobriu alguma coisa nova, responda um grito universal de horror. Como cientista tive uma oportunidade sem igual. No meu tempo, a astronomia alcançava as praças do mercado. Nessas condições muito particulares, a firmeza de um homem poderia ter causado grandes abalos. Se eu tivesse resistido! Se os cientistas naturais tivessem criado alguma coisa como o juramento hipocrático dos médicos, o voto de utilizar o seu saber somente para vantagem da humanidade! No ponto a que chegamos, não se pode esperar nada melhor do que uma estirpe de anões inventivos, alugáveis para qualquer finalidade. Além do mais, Sarti, cheguei à convicção de que nunca estive em perigo real. Durante alguns anos, a minha força era igual à

da autoridade. Entretanto, entreguei-me saber aos poderosos, para que eles usassem, abusassem, não usassem, conforme lhes conviesse.

Virgínia entra com uma tigela e pára.

GALILEU — Eu traí a minha profissão. Um homem que faz o que eu fiz não pode ser admitido nas fileiras da ciência

VIRGÍNIA—Você foi admitido às fileiras da religião. *Continua a andar e põe a tigela na mesa.*

GALILEU — É isso. Agora eu preciso comer.

Andrea estende-lhe a mão. Galileu vê a mão sem apertá-la.

GALILEU—Você mesmo, agora, é professor. Você pode se dar ao luxo de apertar uma mão como a minha? *Vai para a mesa.* Alguém que passou por aqui mandou gansos para mim. Eu ainda gosto de comer.

ANDREA — O senhor então não acha mais que uma nova era tenha começado?

GALILEU — Acho que sim. Você se cuide, quando atravessar a Alemanha, com a verdade embaixo do casaco.

ANDREA *incapaz de partir* — Diante do juízo que o senhor faz a respeito do autor de quem falávamos, eu não sei lhe responder. Mas não consigo imaginar que a sua análise assassina vá ser a última palavra.

GALILEU — Muito obrigado, meu senhor. *Começa a comer.*

VIRGÍNIA *acompanhando Andrea até a porta* — Nós não gostamos de visitas do passado. Ele fica agitado.

Andrea sai, Virgínia volta.

GALILEU — Os gansos de quem são, você tem idéia?

VIRGÍNIA — De Andrea não são.

GALILEU — Talvez não. Como é que está a noite?

VIRGÍNIA *na janela* — Clara.

15

1637. O LIVRO DE GALILEU, OS *DISCORSI*, ATRAVESSA A FRONTEIRA ITALIANA

Distinto público, a ciência neste final

Deixa às carreiras o soio nacional.

E nós que dela precisamos mais,

Eu, tu, ele, nós ficamos para trás.

Meu vizinho, a ciência agora está contigo,

Cuida dela, cuida bem, mas como amigo.

Que senão ela sobe, cresce, estoura e desce,

Nos come a todos e depois esquece.

E depois esquece.

Pequena cidade na fronteira da Itália. De manhã cedo. Crianças brincam junto à barreira. Andrea espera ao lado de um cocheiro, enquanto o Guarda-Fronteiras lhe examina os papéis. Está sentado sobre um pequeno caixote, e lê o manuscrito de Galileu. Do outro lado da barreira está o coche de viagem.

As CRIANÇAS *cantam* —

O casaco de Arabela

Tá com bosta na lapela

É bom, mas está borrado.

Veio o inverno, veio o frio,

O casaco ainda serviu,

Borrado não é rasgado.

O GUARDA-FRONTEIRA — Por que razão o senhor sai da Itália?

ANDREA — Eu sou cientista.

O GUARDA *ao escrivão*—Escreva aí, no “motivo da saí da”: “Cientista”.

Eu tenho de olhar a sua bagagem. *Revista.*

O PRIMEIRO MENINO *a Andrea* — O senhor não devia sentar aí. *Aponta a cabana diante da qual Andrea está sentado.* Aí dentro mora uma bruxa.

O SEGUNDO MENINO — A dona Marina não é uma bruxa.

O PRIMEIRO — Você quer que eu lhe torça o braço?

O TERCEIRO — Ela é sim. De noite ela sai voando.

O PRIMEIRO — Se ela não é bruxa, por que ninguém da cidade dá leite pra ela?

O SEGUNDO — Como é que ela vai voar se gente não voa? *A Andrea.* Não está certo?

O PRIMEIRO *mostrando o segundo* — É o Giuseppe. Ele não sabe de nada, porque ele não está na escola, porque ele não tem nenhuma calça inteira.

O GUARDA — Que livro é esse?

ANDREA *sem levantar os olhos* — É do grande filósofo Aristóteles.

O GUARDA *desconfiado* — Quem é?

ANDREA — Está morto há muito tempo.

Para fazer troça de Andrea, que está lendo, as crianças andam à volta dele, como se também elas estivessem lendo.

O GUARDA *ao escrivão* — Veja se diz alguma coisa de religião.

O ESCRIVÃO *folheia* — Eu não vejo nada.

O GUARDA — Esse controle todo não adianta. Quem quiser esconder alguma coisa, não vai andar com ela assim à mostra. *A Andrea* — O senhor assina aqui que nós examinamos tudo.

Andrea levanta com hesitação, sempre lendo, e entra na casinhota com os guardas.

O TERCEIRO MENINO *ao escrivão, apontando o caixote* — Aí tem mais, o senhor viu?

O ESCRIVÃO — Mas isso já não estava aí?

O TERCEIRO — Foi o diabo que pôs aí. É um caixote.

O SEGUNDO — Foi nada. O caixote é lá do homem.

O TERCEIRO — Eu que não vou até lá. Ela pôs mau-olhado nos cavalos do cocheiro. A chuva fez um buraco no teto, eu subi e vi os cavalos tossindo.

O ESCRIVÃO *que já estava perto do caixote, hesita e volta* — Coisa do diabo, hein? Bom, a gente não pode controlar tudo. Senão, aonde vamos parar?

Andrea volta com uma jarra de leite. Senta-se novamente no caixote e começa a ler.

O GUARDA *atrás dele com os papéis* — Pode fechar os caixotes. Nós vimos tudo?

O ESCRIVÃO — Tudo.

O SEGUNDO MENINO *a Andrea* — O senhor não é cientista? Diga o senhor mesmo: gente pode voar?

ANDREA — Espere um minuto.

O GUARDA — O senhor pode passar.

A bagagem já está com o cocheiro. Andrea apanha o caixote e quer sair.

O GUARDA — Parado aí! Que caixote é esse?

ANDREA *retomando o seu livro* — São livros.

O PRIMEIRO MENINO — É O caixote da bruxa.

O GUARDA — Não diga bobagens. Feitiço pega em caixote?

O TERCEIRO — Pega, com ajuda do diabo!

O GUARDA *ri* — Aqui isso não vale. *Ao escrivão.* Abra. *O caixote é aberto.*

O GUARDA *sem vontade* — Quantos são?

ANDREA — Trinta e quatro.

O GUARDA *ao escrivão* — Quanto tempo você leva?

O ESCRIVÃO *que começou a remexer a caixa superficialmente* — É tudo coisa já impressa. Você perde o café da manhã. E eu precisava achar o cocheiro, porque hoje é o leilão da casa dele, e dava para pegar o dinheiro do pedágio, que está atrasado.

O GUARDA — Precisamos pegar esse dinheiro. *Empurra os livros com o pé.* Bom, não há de ter muita coisa aí dentro. *Ao cocheiro.* — Leva!

Andrea atravessa a barreira com o cocheiro, que carrega o caixote. Do outro lado, enfia o manuscrito de Galileu na sua bolsa de viagem.

O TERCEIRO MENINO *aponta a jarra de leite, que Andrea deixou* — Olhe aí!

O PRIMEIRO — E o caixote desapareceu! Vocês estão vendo que foi o diabo?

ANDREA *voltando-se* — Não, fui eu. Você precisa aprender a abrir os olhos. Oleiteeajarra estão pagos. São para a velha. Eu ainda não respondi à sua pergunta, Giuseppe. Não há jeito de voar pelos ares em cabo de vassoura. A não ser que haja uma máquina presa ao cabo. Mas uma máquina dessas ainda não existe. Talvez ela nunca venha a existir, porque o homem é muito pesado. Mas nunca se sabe. Estamos muito longe de saber o bastante, Giuseppe. Nós ainda estamos muito no começo.